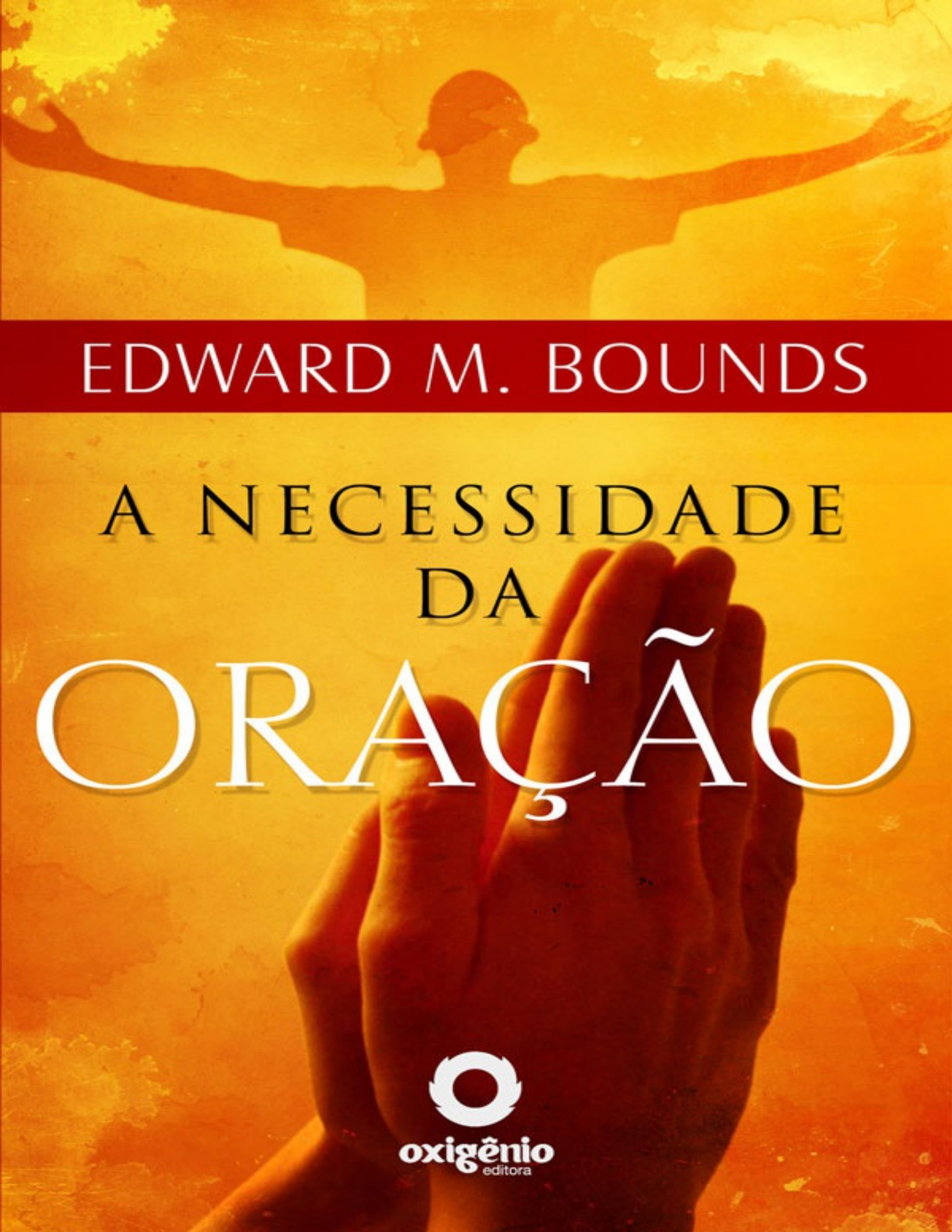

EDWARD M. BOUNDS
A NECESSIDADE DA ORAÇÃO
oxigênio editora

Sumário

Sumário
Ficha Técnica
Apresentação
Prefácio
Oração e fé
Oração e fé
Oração e confiança
Oração e desejo
Oração e fervor
Oração e insistência
Oração e insistência
Oração, caráter e conduta
Oração e obediência
Oração e obediência
Oração e vigilância
Oração e a Palavra de Deus
Oração e a Palavra de Deus
Oração e a casa e Deus

Ficha Técnica

Copyright © 2014 by Editora Oxigênio

Produção Editorial - Editora Oxigênio

Diagramação Francieli Kades

Capa - César de Oliveira

Revisão - Regina Oliveira

Tradução - Cristiano Oliveira

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida sem a devida autorização da Editora.

Editora Oxigênio

Rua Edson Crepaldi, 720 – Zona Sul

CEP 88828-000 – Balneário Rincão, SC

Tel. (48) 3468-4544

www.editoraoxigenio.com.br

Prefácio

EDWARD McKENDREE BOUNDS não apenas orou muito para que pudesse escrever bem sobre a oração. Ele orou porque as necessidades do mundo dependiam dele. Ele orou, por longos anos, por assuntos que o cristão de vida mansa raramente imagina e por assuntos que as pessoas de menos imaginação e fé estão sempre prontas a dizer que são impossíveis. De suas solitárias vigílias de oração, ano a ano, surgiu o ensino igualado por poucas pessoas na moderna história cristã. Ele escreveu transcendentalmente sobre a oração porque ele mesmo era transcendente em sua prática.

Assim como a respiração é uma realidade física para nós, assim também a oração era uma realidade para Bounds. Ele interpretou o mandamento “orai sem cessar” (1Ts 5.17) quase tão literalmente quanto a natureza animada interpreta a lei do sistema do reflexo nervoso, que controla nossa respiração.

Livros de oração – verdadeiros livros-texto, não formas de oração – foram o fruto deste exercício espiritual diário. Breves artigos para a imprensa religiosa não saíram de sua pena – embora ele tenha tido experiência nessa área durante vários anos – nem panfletos, mas livros foram o produto e o resultado de seu trabalho. Ele foi estorvado pela pobreza, pela obscuridade, pela perda de prestígio, mas sua vitória não ficou totalmente guardada até sua morte.

Em 1907, ele deu ao mundo duas pequenas edições. Uma delas teve ampla circulação na Grã-Bretanha. Os anos seguintes, até 1913, foram cheios de labor constante e ele foi se encontrar com Deus deixando uma coleção de manuscritos. Suas cartas faziam o pedido de que este editor publicasse esses frutos de sua pena abençoada. A preservação dos manuscritos de Bounds até o tempo presente foi claramente providencial. O trabalho de prepará-los para impressão foi um trabalho de amor que consumiu anos de esforço.

Estes livros são fontes transbordantes para uma vida de busca espiritual. São tesouros escondidos, formados na escuridão da madrugada e no calor do meio-dia, no labor da experiência e moldados em forma maravilhosa pelo

poderoso agir de Deus. São vozes vivas por meio das quais ele, estando morto, ainda fala.

Claude Chilton, Jr.

Apresentação

A necessidade da Oração, assim como outros livros de Edward M. Bounds nos apresenta de forma prática os ensinos da Bíblia Sagrada.

Esse livro ajudará os cristãos sinceros de hoje a descobrirem o mistério e a majestade da oração.

Prepare-se para uma experiência com Deus através da oração e entenda a sua necessidade na vida do Cristão.

Oração e fé

“Um amigo meu muito querido, que era totalmente amante da caça, contou-me a seguinte história. ‘Ao me levantar cedo, certa manhã’, disse ele, ‘ouvi o latido de um grupo cães-veadeiros em busca de sua caça. Olhando adiante, para um campo largo, aberto diante de mim, vi um jovem gamo abrindo caminho e dando sinais, além disso, de que sua raça era pouco afeita à velocidade. Ao chegar à cerca, ele saltou sobre ela e se agachou acerca de 2 metros de onde eu estava. Um momento depois, dois cachorros chegaram e o gamo correu em minha direção e empurrou sua cabeça entre minhas pernas. Levantei-o até a altura do meu peito e, movendo-me de um lado para outro, espantei os cachorros. Senti, naquele momento, que todos os cachorros do Oeste não podiam e não deviam capturar aquele gamo depois que sua fraqueza recorreu à minha força’. Assim acontece quando um ser humano sem esperança recorre ao Deus Todo-Poderoso. Eu me lembro de quando os cachorros do pecado estavam atrás de minha alma, até que, por fim, corri para os braços do Deus Todo-Poderoso.” – A. C. DIXON.

EM um estudo dos princípios e do procedimento da oração, de suas atividades e desafios, o primeiro lugar deve, necessariamente, ser dado à fé. Ela é a qualidade inicial no coração de uma pessoa que se prepara para falar com Aquele que não pode ser visto. Ela deve, por causa de sua total falta de esperança, estender mãos de fé. Ela deve crer quando não puder provar.

No fim, a oração é simplesmente a fé reivindicando suas prerrogativas naturais, mas maravilhosas – a fé tomando posse de sua herança ilimitável. A verdadeira fé é tão verdadeira, firme e perseverante no campo da fé quanto no campo da oração. Além disso, quando a fé deixa de orar, ela deixa de viver.

A fé faz o impossível porque traz Deus para agir por nós e nada é impossível com Deus. Como é grande – sem qualificação ou limitação – o poder da fé! Se a dúvida for banida do coração e a incredulidade se tornar desconhecida ali, o que pedirmos a Deus certamente acontecerá e o crente receberá “tudo o que disse”.

A oração projeta a fé sobre Deus e Deus sobre o mundo. Somente Deus pode mover montanhas, mas a fé e a oração podem mover Deus. Em sua maldição sobre a figueira sem fruto, o Senhor demonstrou seu poder. Em seguida, ele passou a declarar que grandes poderes estavam entregues à fé e à oração não para matar, mas para fazer viver, não para destruir, mas para abençoar.

Neste ponto de nosso estudo, voltamo-nos para uma declaração de nosso Senhor que precisa ser enfatizada, pois é a própria pedra fundamental da relação entre fé e oração: “Tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis”. (Mt 21.22).

Devemos ponderar bem esta declaração: “Crendo, recebereis”. Aqui é descrita a fé que realiza, que se apropria, que toma. Esta fé é uma consciência do Divino, uma comunhão experimentada, uma certeza realizada.

A fé está crescendo ou declinando com o passar dos anos? A fé se mantém firme e forte nestes dias, quando a iniquidade se multiplica e o amor de muitos se esfria? A fé mantém sua influência, quando a religião tende a se tornar uma mera formalidade e a impiedade prevalece cada vez mais? A pergunta de nosso Senhor pode, com grande propriedade, ser a nossa: “Quando vier o Filho do Homem, achará, porventura, fé na terra?” (Lc.18.8). Cremos que sim, e é nosso dever, em nossa época, cuidar para que a lâmpada da fé esteja em boa ordem e acesa, pois Ele virá muito em breve.

A fé é o fundamento do caráter cristão e a segurança da alma. Quando Jesus estava prevendo a negação de Pedro e advertindo-o sobre ela, ele disse ao seu discípulo:

“Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça”. (Lc 22.31)

Nosso Senhor estava declarando uma verdade central: era a fé de Pedro que ele estava procurando preservar, pois ele bem sabia que, quando a fé é quebrada, os fundamentos da vida espiritual se perdem e toda a estrutura da vida espiritual se desvanece. Era a fé de Pedro que precisava ser preservada. Por isso vemos a preocupação de Cristo pelo bem-estar da alma de seu discípulo e sua determinação em fortalecer a fé de Pedro por sua própria oração totalmente predominante.

Em sua segunda epístola, Pedro tem esta ideia em mente quando fala sobre o crescimento na graça como uma medida de segurança na vida cristã e como implicando em frutificação.

“Reunindo toda a vossa diligência, associai com a vossa fé a virtude; com a virtude, o conhecimento; com o conhecimento, o domínio próprio; com o domínio próprio, a perseverança; com a perseverança, a piedade”. (2Pe 1.5, 6)

Neste processo de adição, a fé foi o ponto de partida – a base das outras graças do Espírito. A fé foi o fundamento sobre o qual as outras virtudes deviam ser edificadas. Pedro não ordena a seus leitores que acrescentem às obras, ou aos dons ou às virtudes, mas a fé. Muita coisa depende do ponto de partida correto neste crescimento em graça. Há uma ordem divina, da qual Pedro está consciente e, por isso, ele declara que devemos ser diligentes em confirmar nossa vocação e eleição (2Pe. 1.10), que a eleição é confirmada quando acrescentada à fé, o que, por sua vez, é feito por oração constante e sincera. Assim, a fé é mantida pela oração e cada passo dado neste crescimento de graça em graça, é acompanhado pela oração. A fé que cria a oração poderosa é a fé que é centralizada em uma pessoa poderosa. A fé na capacidade de Cristo de fazer e fazer grandemente é a fé que ora grandemente. Deste modo, o leproso se lançou sobre o poder de Cristo: “Senhor, se quiseres”, clamou, “podes purificar-me” (Mt. 8.2). Neste caso, vemos como a fé é centralizada na capacidade de Cristo fazer e como ela assegurou o poder de curar.

Foi a respeito deste ponto exato que Jesus questionou os cegos que foram até ele para serem curados: “Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor! Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé”. (Mt. 9. 28,29).

Foi para inspirar a fé em sua capacidade de fazer que Jesus deixou atrás de si a última, maior afirmação que, em análise final, é um desafio retumbante à fé: “Toda autoridade”, declarou ele, “me foi dada no céu e na terra” (Mt 28.18).

Novamente: a fé é obediente. Ela age quando ordenada, como fez o oficial que foi até Jesus e cujo filho estava gravemente enfermo (Jo 4.47). E mais: esta fé age. Como o homem que nasceu cego, ela vai se lavar no tanque de

Siloé que recebe ordem para ir (Jo 9.1-12). Pedro, em Genesaré, ela lança a rede onde Jesus ordena, instantaneamente, sem questionar ou duvidar (Lc 5.1-11). Esta fé prontamente remove a pedra do túmulo de Lázaro (Jo 11.39). Uma fé que ora cumpre os mandamentos de Deus e faz aquilo que é agradável aos seus olhos. Ela pergunta: “Que farei, Senhor?” (At 22.10) e responde rapidamente: “Fala, porque o teu servo ouve” (1Sm 3.9).

A obediência ajuda a fé e a fé, por sua vez, ajuda a obediência. Fazer a vontade de Deus é essencial à verdadeira fé e a fé é necessária à obediência implícita. No entanto, muito frequentemente, a fé precisa perseverar em paciência diante de Deus e estar preparada para a aparente demora de Deus em responder à oração. A fé não fica abatida quando a oração não é imediatamente honrada. Ela se submete a Deus em sua Palavra e deixa que ele leve o tempo que desejar no cumprimento de sues propósitos e na realização de sua obra. Com certeza há muita demora e longos dias de espera para a verdadeira fé, mas ela aceita as condições – ela sabe que haverá demora na resposta à oração e considera essa demora como um tempo de provação no qual ela tem o privilégio de mostrar seu vigor e o material rígido de que é feita.

O caso de Lázaro foi um exemplo em que houve demora, no qual a fé de duas boas mulheres foi provada ao extremo. Lázaro estava gravemente enfermo e suas irmãs mandaram chamar Jesus. Entretanto, sem nenhuma razão conhecida, nosso Senhor demorou a socorrer seu amigo enfermo. O pedido era urgente e tocante: “Senhor, está enfermo aquele a quem amas” (Jo 11.3) – mas o Mestre não se comoveu com isso e o pedido sincero das mulheres pareceu cair em ouvidos surdos. Que prova para a fé! Além disso, a lentidão de nosso Senhor pareceu produzir uma desgraça incorrigível. Enquanto Jesus demorava, Lázaro morreu.

Mas a demora de Jesus foi realizada em favor de um bem maior. Finalmente, ele foi para a casa de Lázaro, em Betânia.

“Então Jesus lhes disse claramente: Lázaro morreu; e por vossa causa me alegro de que lá não estivesse, para que possais crer; mas vamos ter com ele”. (Jo 11.14, 15)

Não tema, crente tentado e provado! Jesus virá, se houver paciência e a fé se

mantiver firme. Sua demora servirá para fazer com que sua vinda seja mais ricamente abençoada. Continue orando. Continue esperando. Você não pode desistir. Se Cristo demorar, espere por ele. Em seu próprio momento oportuno, ele virá e não tardará.

Geralmente, a demora é o teste e a força da fé. Quanta paciência é necessária quando chegam esses momentos de provação! No entanto, a fé se fortalece esperando e orando. A paciência aperfeiçoa sua obra na escola da demora. Em alguns casos, a demora pertence à própria essência da oração. Deus tem que fazer muitas coisas antes de dar a resposta final – coisas que são essenciais para o benefício permanente daquele que está buscando o favor de suas mãos.

Jacó orou, com objetivo e ardor, para ser salvo de Esaú. Porém, antes que esta oração pudesse ser respondida, havia muita coisa a ser feita com e por Jacó. Ele tinha que ser mudado, assim como Esaú. Jacó tinha que ser transformado em um novo homem, antes que Esaú também fosse. Jacó tinha que ser convertido a Deus antes que Esaú pudesse ser convertido a Jacó. Entre as grandes e luminosas declarações de Jesus sobre a oração, nenhuma é mais interessante que esta: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”. (Jo 14.12-14).

Quão maravilhosas são essas declarações sobre o que Deus fará em resposta à oração! Quão grande importância têm estas palavras retumbantes, prefaciadas, por assim dizer, pela mais solene declaração de veracidade! A fé em Cristo é a base de toda realização e de toda oração. Todas as obras maravilhosas dependem de oração maravilhosa, e toda oração é feita em nome de Jesus Cristo. Surpreendente lição, de maravilhosa simplicidade, é essa oração em nome do Senhor Jesus! Todas as outras condições são depreciadas, tudo o mais é renunciado, exceto Jesus. O nome de Cristo – a pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo – deve ser supremamente soberana, na hora e no pedido da oração.

Se Jesus habita na fonte de minha vida; se as correntes de sua vida deslocaram e substituíram todas as correntes do eu; se a obediência implícita

a ele é a inspiração e a força de cada momento de minha vida; então ele pode, seguramente, confiar a oração à minha vontade e garantir, por uma obrigação tão profunda quanto a sua própria natureza, que tudo o que for pedido será concedido. Nada pode ser mais claro, mais distinto e mais ilimitado em aplicação e extensão que a exortação e a urgência de Cristo: “Tende fé em Deus” (Mc 11.22).

A fé cobre tanto as necessidades temporais quanto as espirituais. A fé afasta toda ansiedade indevida e todo cuidado desnecessário sobre o que comeremos, o que beberemos e com que nos vestiremos. A fé vive no presente e considera o dia como sendo suficiente para seu próprio mal. Ela vive dia após dia e afasta todos os temores do amanhã. A fé traz grande conforto mental e perfeita paz de coração.

“Tu, Senhor, conservarás em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; porque ele confia em ti”. (Is 26.3).

Quando oramos “o pão nosso de cada dia dá-nos hoje” (Mt 6.11), estamos, em certa medida, excluindo o amanhã de nossa oração. Não vivemos amanhã, mas hoje. Não buscamos a graça de amanhã nem o pão de amanhã. Tem mais sucesso e aproveita o melhor da vida quem vive o presente. Oram melhor aqueles que oram pelas necessidades de hoje, não pelas de amanhã, que podem tornar nossas orações desnecessárias e redundantes por nem existirem!

As verdadeiras orações nascem das provações do presente e das necessidades do presente. O pão para hoje é suficiente. O pão dado para hoje é um pedido mais forte que o pão para amanhã. A vitória hoje é a garantia da vitória amanhã. Nossas orações precisam ser focadas no presente, precisamos confiar em Deus hoje e deixar o amanhã inteiramente por conta dele. O presente é nosso; o futuro pertence a Deus. Orar é nossa tarefa e nosso dever de cada dia – orar diariamente pelas necessidades diárias.

Assim como todo dia requer seu pão, assim também todo dia requer sua oração. Nenhuma quantidade de oração feita hoje será suficiente para amanhã. Por outro lado, nenhuma oração para amanhã terá grande valor para nós hoje. O maná de hoje é o de que precisamos.

“Os hóspedes de um hotel estavam ficando desconfortáveis com o repetido dedilhar de um piano, feito por uma menina que não sabia música. Eles reclamaram com o proprietário para que o incômodo parasse. ‘Sinto muito que vocês estejam incomodados’, disse ele, ‘mas a menina é filha de um dos meus melhores hóspedes. Não posso lhe pedir que pare de tocar o piano. Mas seu pai, que está fora por um dia, retornará amanhã. Vocês podem procurá-lo e resolver o problema’. Quando o pai voltou, encontrou sua filha na recepção, como de costume, dedilhando o piano. Ele foi até ela, posicionou-se atrás dela e, colocando seus braços sobre os ombros dela, colocou suas mãos sobre as dela e produziu uma belíssima música. Isso pode acontecer conosco, e acontecerá, no porvir. Neste momento, podemos produzir somente clamor e desarmonia, mas, um dia, o Senhor Jesus pegará nossas mãos de fé e oração e as usará para produzir a música do céu”. - ANÔNIMO

A FÉ genuína, autêntica, deve ser firme e livre de dúvidas. Deve ser não apenas uma fé geral, nem uma simples crença na existência, na bondade e no poder de Deus, mas uma fé que crê que “se fará o que diz, assim será com ele” (Mc 11.23). Como a fé é específica, assim também a resposta será definida: “Assim será com ele”. A fé e a oração selecionam as coisas e Deus se compromete a fazer exatamente aquilo que a fé e a oração perseverante indicam e lhe pedem para realizar.

A Versão Americana Revisada traduz da seguinte o texto de Marcos 11.24: “Por isso vos digo: Todas as coisas que me pedirdes em oração, crendo que as recebereis, assim será”. A perfeita fé sempre tem em sua custódia o que a perfeita oração pede. Como é grande e determinada sua área de atuação – “tudo quanto em oração pedirdes”! Como é específica e definida a promessa – “será assim convosco”.

Nossa principal preocupação é com nossa fé – os problemas ligados ao seu crescimento e às atividades de sua maturidade vigorosa. Uma fé que compreende e mantém em custódia exatamente aquilo que pede, sem titubear, duvidar ou temer – esta é a fé de que precisamos – fé como esta é uma pérola de grande preço, no processo e na prática da oração.

A declaração de nosso Senhor sobre fé e oração citada acima é de suprema importância. A fé deve ser definida, específica, um pedido completo e

inconfundível. Não deve ser uma coisa vaga, indefinida, nebulosa, deve ser algo mais que uma crença abstrata na boa vontade e na capacidade de Deus agir em nosso favor. Deve ser um pedido definido, específico, e a espera por aquilo que foi pedido. Observe o texto de Marcos 11.23:

“Em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele”.

Exatamente na mesma medida em que a fé e o pedido forem definidos, a resposta também será. A resposta não deve ser diferente daquilo que foi pedido em oração, mas exatamente aquilo que foi buscado e pedido. “Assim será com ele”. A ideia é imperativa: “assim será”. A concessão deve ser ilimitada, tanto em quantidade quanto em qualidade. A fé e a oração selecionam aquilo que será pedido, determinando, assim, o que Deus fará. “Assim será com ele”. Cristo está pronto a suprir exata e completamente todas as demandas de fé e oração. Se o pedido feito a Deus for claro, específico e definido, Deus o atenderá exatamente de acordo com os termos apresentados.

A fé não é uma crença abstrata na Palavra de Deus, nem uma mera aceitação mental, nem um mero assentimento do entendimento e da vontade, nem uma aceitação passiva de fatos, por mais sagrado ou perfeito que seja tudo isso. A fé é uma operação de Deus, uma iluminação divina, uma santa energia implantada pela Palavra de Deus e pelo Espírito na alma humana – um princípio espiritual e divino que pega o sobrenatural e o torna compreensível pelas faculdades de tempo e sentido.

A fé lida com Deus e é consciente de Deus. Ela lida com o Senhor Jesus Cristo e vê nele um Salvador; ela lida com a Palavra de Deus e agarra a verdade; ela lida com o Espírito de Deus e é energizada e inspirada por seu fogo santo. Deus é o grande objetivo da fé, pois a fé coloca todo o seu peso sobre sua Palavra. A fé não é um ato sem objetivo da alma, mas um olhar para Deus e um descanso sobre suas promessas. Assim como o amor e a esperança sempre têm um objetivo, a fé também tem. A fé não é crer apenas em alguma coisa, é crer em Deus, descansar nele e confiar em sua Palavra.

A fé dá origem à oração e fica mais forte, bate mais fundo e se eleva mais

alto nas lutas de petições poderosas. A fé é a substância das coisas que se espera, a certeza da realização da herança dos santos. A fé, também, é humildade e perseverança. Ela pode esperar e orar. Ela pode se colocar sobre os joelhos ou deitar no pó. Ela é a grande condição da oração. Sua falta está na raiz de toda oração pobre, de toda oração frágil, de toda oração pequena, de toda oração não respondida.

A natureza e o significado da fé são mais demonstráveis por aquilo que ela faz que em razão de alguma definição que lhe é dada. Assim, se nos voltarmos para o relato de fé que nos é dado naquela grande e honrosa galeria de fé, Hebreus 11, veremos algo dos maravilhosos resultados da fé. Que gloriosa lista é esta – daqueles homens e mulheres de fé! Que maravilhosas realizações estão registradas ali e reunidas para o crédito da fé! O escritor inspirado, esgotando seus recursos ao catalogar os santos do Antigo Testamento, que foram notáveis exemplos de fé maravilhosa, finalmente exclama:

“E o que mais direi? Certamente me faltará o tempo necessário para referir o que há a respeito de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi, de Samuel e dos profetas”. (Hb 11.32)

E, então, o escritor de Hebreus continua novamente, em um estilo maravilhoso, falando das façanhas não registradas realizadas pela fé dos homens da antiguidade, “homens dos quais o mundo não era digno”. “Todos estes”, diz ele, “obtiveram bom testemunho por sua fé” (Hb 11.38).

Que era de realizações maravilhosas nasceria para a Igreja e o mundo se apenas pudesse ser reproduzida uma raça de santos de fé tão poderosa como esta, de oração tão maravilhosa! Não é de pessoas intelectualmente notáveis que a igreja precisa, nem são pessoas ricas que o tempo requer. Não são pessoas de grande influência que esta época requer. Acima de tudo e de todos, é de homens de fé, homens de oração poderosa, homens e mulheres parecidos com os santos e heróis mencionados em Hebreus, que “obtiveram bom testemunho por sua fé”, é de homens e mulheres como estes que a Igreja, o mundo e a humanidade precisam.

Muitas pessoas, hoje, alcançam “bom testemunho” por causa de suas doações financeiras, de suas grandes capacidades mentais e de seus grandes talentos,

mas poucos alcançam “bom testemunho” por causa de sua grande fé em Deus ou por causa das coisas maravilhosas que estão sendo realizadas por meio de sua grande oração. Hoje, assim como em qualquer época, precisamos de pessoas de grande fé e de pessoas que sejam grandes em oração. Estas são as duas virtudes cardeais que tornam as pessoas grandes aos olhos de Deus, as duas coisas que criam condições de verdadeiro sucesso espiritual na vida e na obra da igreja. Nossa principal preocupação é ver que mantemos uma fé desta qualidade e textura, como importa diante de Deus, uma fé que alcança e mantém aquilo que pediu, sem duvidar e sem temer.

A dúvida e o temor são os dois inimigos gêmeos da fé. Às vezes, eles realmente usurpam o lugar da fé e, embora oremos, é uma oração impaciente e inquieta que oferecemos, ansiosa e, geralmente, cheia de reclamações. Pedro falhou em andar sobre as águas porque permitiu que as ondas quebrassem sobre ele e afundassem o poder de sua fé. Desviando seus olhos do Senhor e reparando na água que havia ao seu redor, começou a afundar e teve que clamar por socorro – “Salva-me, Senhor!” (Mt 14.30).

As dúvidas nunca devem ser alimentadas e os temores nunca devem ser acolhidos. Que ninguém alimente a ilusão de que é um mártir por temer e duvidar. Não há mérito para a capacidade mental de uma pessoa em alimentar dúvida de Deus e, provavelmente, nenhum conforto pode ser extraído de um pensamento como esse. Nossos olhos devem ser desviados de nós mesmos, removidos de nossa fraqueza e apoiados implicitamente na força de Deus. “Não abandoneis, portanto, a vossa confiança; ela tem grande galardão” (Hb 10.35).

Uma fé simples e confiante, que vive dia após dia e coloca seu fardo sobre o Senhor, a cada hora do dia dissipará o temor, expulsará o receio e se libertará da dúvida.

“Não andeis ansiosos de coisa alguma; em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graças”. (Fp 4.6)

Esta é a cura divina para todo temor, ansiedade e preocupação indevida da alma, tudo o que é estreitamente associado à dúvida e à incredulidade. Esta é a prescrição divina para assegurar a paz que ultrapassa todo entendimento e

manter o coração e a mente em quietude e paz.

Todos nós precisamos observar atentamente a advertência feita em Hebreus: “Tende cuidado, irmãos, jamais aconteça haver em qualquer de vós perverso coração de incredulidade que vos afaste do Deus vivo” (Hb 3.12).

Precisamos, também, nos prevenir contra a incredulidade como nos prevenimos contra um inimigo. A fé precisa ser cultivada. Precisamos continuar orando: “Aumenta-nos a fé” (Lc 17.5), pois a fé pode ser aumentada. O desejo de Paulo aos tessalonicenses foi que sua fé crescesse sobremaneira. A fé é aumentada pelo exercício, sendo coloca em uso. Ela é alimentada por provas dolorosas.

“Para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo”. (1Pe 1.7)

A fé se desenvolve lendo e meditando sobre a Palavra de Deus. Mais que isso, e o melhor de tudo, a fé floresce em uma atmosfera de oração. Seria bom se todos nós parássemos e perguntássemos para nós mesmos: “Tenho fé em Deus? Tenho fé verdadeira – fé que me mantém em perfeita paz a respeito das coisas da terra e do céu?” Esta é a pergunta mais importante que uma pessoa pode fazer e esperar ser respondida. E há outra pergunta, estreitamente ligada a esta em significado e importância – “Realmente oro a Deus para que ele me ouça e responda as minhas orações? Realmente oro a Deus para que receba diretamente dele aquilo que lhe peço?”

Augusto César dizia que encontrou uma Roma de madeira e transformou-a em uma Roma de mármore. O pastor que consegue transformar seu povo de um povo que não ora para um povo que ora realiza uma obra maior que Augusto César quando transformou uma cidade de madeira em uma cidade de mármore. Afinal, esta é a obra prima do pregador. Primariamente, ele está lidando com pessoas que não oram – com pessoas das quais se diz: “Deus não está em todos os seus pensamentos”. Pessoas como estas ele encontra em toda parte e em todo tempo. Seu principal interesse é transformá-las de pessoas que negligenciam Deus, destituídas de fé e que não oram em pessoas que oram habitualmente, crêem em Deus, lembram-se dele e fazem a sua vontade. O pregador não é enviado para meramente induzir as pessoas a

frequentarem a igreja, nem meramente para levá-las a fazer o melhor. Ele é enviado para levá-las a orar, a confiar em Deus e a mantê-lo sempre diante de seus olhos, para não pecarem contra ele.

A obra do ministério é transformar pecadores incrédulos em santos crentes que oram. O chamado é feito pela autoridade divina: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16.31). Temos um vislumbre da tremenda importância da fé e do grande valor que Deus lhe deu quando nos lembramos de que ele fez dela a única condição indispensável para a salvação: “Pela graça sois salvos, mediante a fé” (Ef 2.8). Por isso, quando contemplamos a grande importância da oração, descobrimos que a fé está imediatamente ao seu lado. Pela fé somos salvos e pela fé permanecemos salvos. A oração nos introduz a uma vida de fé. Paulo declara que a vida que viveu, viveu-a pela fé no Filho de Deus, que o amou e se entregou por ele – que andou pela fé e não pela vista.

A oração é absolutamente dependente da fé. Virtualmente, não tem existência sem ela e não realiza nada a não ser que a fé seja sua companheira inseparável. A fé torna a oração eficaz e, em um sentido muito importante, deve precedê-la.

“É necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam”. (Hb 11.6)

Antes que a oração seja feita em direção a Deus; antes que sua petição seja proferida; antes que seus pedidos se tornem conhecidos – a fé deve ter ido à frente; deve ter afirmado sua crença na existência de Deus; deve ter dado seu assentimento à verdade graciosa de que Deus “se torna galardoador dos que o buscam”. Este é o passo primário na oração. A esse respeito, embora a fé não traga a bênção, ela coloca a oração em posição de pedir por ela e conduz a um outro passo em direção à realização, ajudando a pessoa que ora a crer que Deus pode e deseja abençoar.

A fé coloca a oração em funcionamento – abre o caminho para o trono de misericórdia. Ela assegura, antes de tudo, que há

um trono de misericórdia e que, ali, o Sumo Sacerdote aguarda as orações e as pessoas que oram. Ela acompanha a oração em cada passo que dá. Ela é sua companheira inseparável e, quando os pedidos são feitos a Deus, é a fé

que transforma a pergunta em obtenção. E a fé segue a oração, já que a vida espiritual para a qual o crente é conduzido pela oração é uma vida de fé. A característica proeminente da experiência para a qual os crentes são conduzidos por meio da oração não é uma vida de obras, mas de fé.

A fé fortalece a oração e lhe dá paciência para esperar em Deus. A fé crê que Deus é um galardoador. Nenhuma verdade é mais claramente revelada na Escritura que esta e, ao mesmo tempo, nenhuma é mais encorajadora. Até mesmo o segredo tem sua recompensa prometida: “Teu Pai, que te vê em secreto, te recompensará” (Mt 6.6) e até mesmo o serviço mais insignificante prestado a um discípulo em nome do Senhor seguramente recebe sua recompensa. E a esta verdade preciosa a fé dá seu assentimento sincero.

No entanto, a fé é reduzida a uma coisa particular – ela não crê que Deus recompensará a todos nem que é um galardoador de todos, mas que é galardoador daqueles que o buscam. A fé dedica sua atenção à oração e dá garantia e encorajamento àqueles que são diligentes em buscar a Deus, pois somente eles são ricamente recompensados quando oram.

Precisamos nos lembrar constantemente que a fé é uma condição inseparável da oração bem-sucedida. Há outras considerações que entram no conjunto, mas a fé é a condição final e indispensável da verdadeira oração. Como está escrito em uma declaração familiar, primária: “Sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6).

Tiago expressa essa verdade muito claramente:“Se, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada lhes impropera, e ser-lhe-á concedida. Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando; pois o que duvida é semelhante é semelhante à onda do mar, impelida e agitada pelo vento. Não suponha esse homem que alcançará do Senhor alguma coisa”. (Tg 1.5-7)

A dúvida é sempre colocada sob interdição, pois é sempre como um inimigo para a fé e obstrui a oração eficaz. Em 1Timóteo, Paulo nos ensina uma verdade inestimável a respeito das condições da oração bem-sucedida, que ele apresenta da seguinte forma: “Quero, portanto, que os varões orem em todo lugar, levantando mãos santas, sem ira e sem animosidade” (1Tm 2.8).

Todo questionamento deve ser evitado. O temor e a incerteza não têm lugar na oração. A fé deve se afirmar e afastar esses inimigos da oração.

A autoridade atribuída à fé nunca é demais, mas a oração é o cetro pelo qual ela sinaliza seu poder. Quanta sabedoria espiritual há na seguinte advertência, escrita por um antigo teólogo: Você quer ser liberto da escravidão à corrupção? Quer crescer em graça em geral e crescer em graça em particular? Se quer, seu caminho é claro. Peça a Deus mais fé. Peça-lhe pela manhã, à tarde e à noite, enquanto anda pelo caminho, enquanto está assentado em sua casa, ao deitar e ao levantar; peça-lhe simplesmente para imprimir as coisas divinas mais profundamente em seu coração, para lhe dar cada vez mais a substância das coisas que se esperam e a evidência das coisas que não se vêem.

Grandes incentivos à oração são fornecidos pela Escritura e nosso Senhor fecha seu ensino sobre a oração com a garantia e a promessa do céu. A presença de Jesus Cristo no céu, a preparação que ele está fazendo ali para seus santos e a garantia de que virá novamente para recebê-los – como tudo isso ajuda a suportar a fadiga da oração, fortalece-a para os conflitos e suaviza sua árdua labuta! Estas coisas são a estrela da esperança da oração, o enxugar de suas lágrimas e a colocação do perfume do céu no amargor de seu clamor. O espírito de peregrino facilita muito a oração. Um espírito limitado ao mundo e satisfeito com o que é terreno não consegue orar. Em um coração como esse, a chama do desejo espiritual se foi ou está ardendo em uma brasa tênue. As asas de sua fé foram presas, seus olhos foram vendados e sua língua, silenciada. Mas aqueles que, em fé inabalável e oração incessante, esperam continuamente no Senhor “renovam as suas forças, sobem com asas, como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam” (Is 40.31).

Oração e confiança

"Certa noite, saí de meu escritório em Nova York, com um vento frio batendo forte no rosto. Levava comigo (assim eu pensava) meu cachecol grosso e quente, mas, quando fui abotoar o casaco, descobri que o havia perdido. Voltei, olhei pelas ruas, procurei em meu escritório, mas em vão. Percebi, então, que devia tê-lo deixado cair e orei a Deus para que conseguisse encontrá-lo, pois tal era o estado do clima que eu correria um grande risco se ficasse sem ele. Olhei, novamente, de cima abaixo pelas ruas ao redor, mas sem sucesso. De repente, vi um homem do outro lado da rua segurando algo em sua mão. Atravessei e lhe perguntei se aquele era meu cachecol. Ele o entregou a mim, dizendo: 'O vento o trouxe até mim'. Aquele que cavalga a tempestade havia usado o vento como meio para responder a oração" – WILLIAM HORST

A ORAÇÃO não está sozinha. Ela não é um dever isolado e um princípio independente. Ela vive em associação com outros deveres cristãos, é ligada a outros princípios, é uma companheira de outras graças. Mas, à fé, a oração está indissoluvelmente unida. A fé dá à oração sua cor e tom, forma seu caráter e assegura seus resultados.

A fé confiante se torna absoluta, ratificada, consumada. Há, quando tudo é dito e feito, um tipo de risco na fé e em seu exercício. Mas a confiança é uma crença firme, é a fé em seu pleno florescimento. A confiança é um ato consciente, um fato do qual somos sensíveis. De acordo com o conceito da Escritura, a confiança é o olho da alma regenerada e o ouvido da alma renovada. É o sentimento da alma, o olho espiritual, o paladar, o tato – tudo isso tem a ver com a confiança. Quão luminosa, quão distinta, quão poderosa e, mais que tudo isso, quão escriturística é a confiança assim descrita! Como é diferente de muitas formas de crença modernas, tão frágeis, tão secas, tão frias! Estas novas fases de crença não trazem a consciência de sua presença, nem uma "alegria indizível e cheia de glória" (1Pe 1.8) resulta de seu exercício. Elas são, na maior parte, aventuras nas incertezas da alma. Não há segurança nem confiança segura em nada. Toda a transação acontece no campo do 'pode ser' e do 'talvez'.

A confiança, assim como a vida, é sentimento, embora seja muito mais que isso. Uma vida que não é sentida é uma contradição. Uma confiança que não é sentida é uma designação incorreta, uma fraude, uma contradição. A confiança é o mais sentido de todos os atributos. Ela é toda sentimento e só funciona por meio do amor. Um amor que não é sentido é tão impossível quanto uma confiança que não é sentida. A confiança da qual falamos agora é uma convicção. Uma convicção que não é sentida? Que absurdo!

A confiança vê Deus fazendo coisas aqui e agora. Sim, mais que isso. Ela sobe às alturas e, olhando para dentro do invisível e eterno, percebe que Deus fez coisas e as consideras como prontas. A confiança traz a eternidade para os anais e acontecimentos do tempo, transmuta a substância da esperança na realidade da fruição e transforma a promessa em posse presente. Sabemos quando confiamos exatamente como sabemos quando vemos, exatamente temos consciência do sentido do tato. A confiança vê, recebe, segura. A confiança é sua própria testemunha.

Apesar disso, muito frequentemente a fé é fraca demais para obter de Deus o bem maior, imediatamente. Por isso ela tem que esperar, em obediência amorosa, forte, compenetrada, premente, até que ela cresça e se fortaleça e seja capaz de trazer o eterno para o campo da experiência e do tempo.

Até este ponto, a confiança concentra todas as suas forças. Aqui ela se mantém firme. E, na luta, a compreensão da confiança se torna mais poderosa e ela compreende, por si mesma, tudo o que Deus fez por ela em sua eterna sabedoria e plenitude de graça. Na questão de esperar em oração, oração poderosa, a fé se ergue ao seu plano mais elevado e se torna, de fato, dom de Deus. Ela se torna a disposição santa e a expressão da alma que está segura por meio de uma constante relação e uma aplicação incansável a Deus.

Jesus Cristo claramente ensinou que a fé era a condição em função da qual a oração era respondida. Quando nosso Senhor amaldiçoou a figueira, os discípulos ficaram muito surpresos que ela realmente tivesse murchado e suas observações indicaram sua incredulidade. Foi aí que Jesus lhes disse:

“Tende fé em Deus; porque em verdade vos afirmo que, se alguém disser a este monte: Ergue-te e lança-te no mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que se fará o que diz, assim será com ele. Por isso, vos digo que tudo

quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco". (Mc 11.22-24)

A confiança cresce aqui e agora tão pronta e ricamente quanto na câmara de oração. Seu desenvolvimento é rápido e salutar quando é regular e bem mantido. Quando esse compromisso é sincero, pleno e livre, a confiança floresce sobremaneira. O olhar e a presença de Deus dão vida vigorosa à confiança, assim como o olhar e a presença do sol fazem as frutas e as flores se desenvolverem e fazem todas as coisas brilharem com vida mais plena.

"Tende fé em Deus" é o princípio predominante ao fundamento da oração. Primariamente, não se trata de confiar na Palavra de Deus, mas na pessoa de Deus, pois a confiança na pessoa de Deus precede a confiança na Palavra de Deus. "Credes em Deus, crede também em mim" (Jo 14.1) é a exigência que o Senhor faz sobre a confiança pessoal de seus discípulos. A pessoa de Jesus Cristo deve ser central ao olhar da confiança. Jesus tentou imprimir esta grande verdade sobre Marta, quando seu irmão estava morto, em Betânia. Marta afirmou sua confiança no fato da ressurreição de seu irmão:

"Eu sei, replicou Marta, que ele há de ressurgir na ressurreição, no último dia".

Jesus, então, elevou a confiança de Marta claramente acima do simples fato da ressurreição, dirigindo-a à sua própria pessoa, dizendo:

"Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá; e todo o que vive e crê em mim não morrerá, eternamente. Crês isto? Sim, Senhor, respondeu ela, eu tenho crido que tu és o Cristo, o Filho de Deus que devia vir ao mundo". (Jo. 11.24-27)

A confiança em um fato histórico ou em um mero registro pode ser uma coisa muito passiva, mas a confiança em uma pessoa vitaliza a qualidade, frutifica e a informa com amor. A confiança que informa a oração é centralizada em uma pessoa.

A confiança vai ainda mais longe que isso. A confiança que inspira nossa oração não deve ser apenas a confiança na pessoa de Deus e de Cristo, mas em sua capacidade e boa vontade de conceder aquilo pelo que oramos. Não é

somente “Confiai no Senhor”, mas também “pois o Senhor Deus é uma rocha eterna” (Is 26.4).

A confiança que nosso Senhor ensinou como condição para uma oração eficaz não é da cabeça, mas do coração. É uma confiança que “não duvida em seu coração”. Esta confiança tem a garantia divina de que será honrada com respostas grandes e satisfatórias. A forte promessa de nosso Senhor traz a fé para o presente e conta com uma resposta presente.

Cremos, sem dúvida? Quando oramos, cremos não que receberemos, no futuro, o que pedimos, mas que receberemos agora mesmo? Este é o ensino deste texto inspirador. Como precisamos orar “aumenta-nos a fé” (Lc 17.5) até que a dúvida vá embora e a confiança implícita reivindique as bênçãos prometidas como suas!

Esta não é uma condição fácil. Ela só é cumprida depois de muitas falhas, depois de muita oração, depois de muita espera, depois de muitas provas de fé. Que nossa fé aumente até que percebamos e recebamos toda a plenitude que há no Nome que garante fazer tanto por nós.

Nosso Senhor coloca a confiança no próprio fundamento da oração. O pano de fundo da oração é a confiança. Todas as realizações do ministério de Cristo dependem da confiança implícita em seu Pai. O centro da confiança é Deus. Montanhas de dificuldades e todos os outros obstáculos à oração são removidos do caminho pela confiança e sua companheira fiel, a fé. Quando a confiança é perfeita e livre de dúvidas, a oração é simplesmente a mão estendida, pronta para receber. Confiança aperfeiçoada é oração aperfeiçoada. A confiança espera receber o que foi pedido – e recebe. A confiança não é a crença de que Deus pode abençoar, mas que ele vai abençoar aqui e agora. A confiança sempre opera no tempo presente. A esperança olha para frente, para o futuro. A confiança olha para o presente. A esperança espera. A confiança possui. A confiança recebe o que a oração pede. Portanto, aquilo de que a oração precisa, em todos os momentos, é uma confiança permanente e abundante.

Sua lamentável falta de confiança e a resultante falha dos discípulos em fazer o que foram enviados para fazer é vista no caso do filho lunático, que foi levado por seu pai a nove deles enquanto seu Mestre estava no Monte da

Transfiguração. Um jovem terrivelmente afligido foi levado a esses homens para ser curado de sua moléstia. Eles tinham sido comissionados para fazer exatamente esse tipo de trabalho. Isso era parte de sua missão. Eles tentaram expulsar o demônio do jovem, mas falharam. O demônio era muito para eles. Eles foram humilhados por sua falha e ficaram cheios de vergonha, enquanto seus inimigos triunfavam. Em meio à confusão, Jesus se aproxima. Ele é informado das circunstâncias e das condições ligadas a elas. Aqui está o relato do que aconteceu:"Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado.então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo? E ele lhes respondeu: por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum". (Mt 17.17-21).

Onde estava a dificuldade desses homens? Eles tinham sido negligentes em cultivar sua fé por meio da oração e, como consequência, sua confiança falhou totalmente. Eles confiaram não em Deus ou em Cristo, mas na autenticidade de sua missão ou em si mesmos. O mesmo aconteceu muitas vezes desde então, em muitas crises da igreja de Deus. A falha tem resultado de uma falta de confiança ou de uma fraqueza de fé e isso, por sua vez, de uma falta de devoção. Muitos fracassos em esforços avivalistas são atribuídos à mesma causa. A fé não foi alimentada e não se tornou poderosa pela oração. A negligenciar ao quarto trancado é a explicação para a maior parte dos fracassos espirituais. E isso é verdade tanto sobre nossas lutas pessoais contra o diabo quanto no caso em que tentamos expulsar demônios. Ficar constantemente de joelhos em comunhão particular com Deus é a única garantia de que o teremos conosco em nossas lutas pessoais e em nossos esforços para converter pecadores.

Sempre que as pessoas o abordam, nosso Senhor coloca a confiança nele e a divindade de sua missão em primeiro plano. Ele não deu uma definição de confiança e não ofereceu uma discussão teológica ou uma análise sobre ela, pois sabia que as pessoas veriam o que é fé por aquilo que a fé faz e, a partir de seu livre exercício, a confiança se desenvolveria, espontaneamente, em sua

presença. Ela é produto de sua obra, seu poder e sua pessoa. Isso forneceu e criou uma atmosfera muito favorável para seu exercício e desenvolvimento. A confiança é muito esplendidamente simples para uma definição verbal; sincera e espontânea demais para uma terminologia teológica. A própria simplicidade da confiança é o que confunde muitas pessoas. Elas procuram por algo grande em que se apegar, enquanto todo o tempo “a palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração” (Rm 10.8).

Quando Jairo recebeu a triste notícia da morte de sua filha, Jesus se interpôs: “Não temas, crê somente” (Mc 5.36). À mulher que tinha um fluxo de sangue, que ficou tremendo diante dele, ele disse:

“Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal”. (Mc 5.34)

Quando os dois cegos o seguiram, forçando caminho para dentro da casa, ele disse:

“Faça-se-vos conforme a vossa fé. E abriram-se-lhes os olhos”. (Mt 9.29, 30)

Quando o paralítico foi baixado pelo telhado da casa em que Jesus estava ensinando e colocado diante dele por quatro de seus amigos, Jesus disse:

“Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados”. (Mt 9.2)

Quando Jesus despediu o centurião cujo servo estava gravemente enfermo e que tinha ido a Jesus com a oração de que ele pronunciasse uma palavra de cura, sem sequer ir à sua casa, ele respondeu da seguinte forma:

“Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado”. (Mt 8.13)

Quando o leproso caiu aos pés de Jesus e clamou:

“Mestre, compadece-te de nós”, Jesus imediatamente atendeu ao seu pedido e o homem o glorificou em alta voz. Então Jesus lhe disse: “Levanta-te e vai; a tua fé te salvou”. (Lc 17.11-19)

A mulher siro-fenícia foi a Jesus apresentar o caso de sua filha afligida, com a oração: “Senhor, socorre-me”, empenhando--se em uma luta terrível e

heróica. Jesus honrou sua FÉ, sua oração, dizendo:

“Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã”. (Mt 15.28)

Depois que os discípulos declararam seu fracasso em expulsar o demônio do jovem possesso, o pai do rapaz foi até Jesus com o clamor triste e quase desesperado: “Se tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos”. Mas Jesus respondeu; “Se podes! Tudo é possível ao que crê” (Mc 9.22, 23).

O cego Bartimeu, sentado à beira do caminho, ouviu quando Jesus passava e clamou piedosa e quase desesperadamente: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”. Os ouvidos aguçados de nosso Senhor imediatamente captaram o som da oração e ele disse ao cego:

“Vai, a tua fé te salvou. E, imediatamente, tornou a ver e seguia a Jesus estrada fora”. (Mc 10.46-52)

À mulher penitente e chorosa, que lavava seus pés com os cabelos, Jesus disse palavras meigas e que confortam a alma: “A tua fé te salvou; vai-te em paz” (Lc 7.50).

Certo dia, Jesus curou dez leprosos de uma só vez, em resposta à sua oração: “Mestre, compadece-te de nós”, e lhes disse para irem se mostrar aos sacerdotes e “aconteceu que, indo eles, foram purificados” (Lc 17.14).

Oração e desejo

“Há aqueles que vão rir de mim e me dizer para não falar bobagens e não incomodar minha mente com filosofia e teologia. Mas a verdade de Deus de tal forma ardeu em meus ossos que peguei minha pena e comecei a relatar o que havia visto” – JACOB BEHMEN.

O DESEJO não é meramente uma simples vontade, é um desejo ardente profundamente arraigado, uma espera intensa pela realização. No campo dos assuntos espirituais, é um importante adjunto à oração. Ele é tão importante que quase se pode dizer que o desejo é um absoluto essencial da oração. O desejo precede a oração, acompanha-a e é seguido por ela. O desejo vai adiante da oração e, por ela, é criado e intensificado. A oração é a expressão oral do desejo. Se a oração está pedindo para Deus fazer alguma coisa, então ela deve ser expressa. A oração expressa. O desejo é silente. A oração é ouvida; o desejo, não. Quanto mais profundo o desejo, mais forte a oração. Sem desejo, a oração é um amontoado de palavras sem sentido. Esse tipo de oração perfunctória, formal, sem o coração, sem sentimento, sem um desejo real que a acompanhe, deve ser evitado como uma peste. Seu exercício é uma perda de tempo precioso e, dela, não provém nenhuma bênção.

No entanto, mesmo que fosse descoberto que o desejo está honestamente ausente, deveríamos orar, de qualquer modo. Devemos orar. O “devemos” serve para que o desejo e a expressão sejam cultivados. A Palavra de Deus ordena isso. Nosso entendimento nos diz que devemos orar – quer sintamos que gostamos disso ou não – e não permitir que nossos sentimentos determinem nossos hábitos de oração. Em tal circunstância, devemos orar pelo desejo de orar, pois esse desejo é dado por Deus e nascido no céu. Devemos orar pelo desejo. Então, quando o desejo for dado, devemos orar conforme o que ele ditar. A falta de desejo espiritual deveria nos afligir e nos levar a lamentar sua ausência, a buscar sinceramente sua concessão, para que nossa oração, daí por diante, seja uma expressão do “sincero desejo da alma”.

Um sentimento de necessidade cria, ou devia criar, um desejo sincero. Quanto maior o sentimento de necessidade diante de Deus, maior será o desejo e mais sincera será a oração. Os “pobres de espírito” são

eminentemente competentes para orar.

A fome é um sentimento ativo de necessidade física. Ela estimula o pedido por pão. Da mesma forma, a consciência interior de necessidade espiritual cria o desejo e o desejo irrompe em oração. O desejo é uma espera interior por algo que não possuímos e de que precisamos – algo que Deus prometeu e que pode ser assegurado por uma súplica sincera ao seu trono de graça.

O desejo espiritual, elevado a um grau superior, é a evidência do novo nascimento. Ele nasce na alma renovada: “Desejai ardentemente, como crianças recém-nascidas, o genuíno leite espiritual, para que, por ele, vos seja dado crescimento para salvação”. (1Pe 2.2).

A ausência deste desejo santo no coração é prova presumível de um declínio no êxtase espiritual ou de que o novo nascimento nunca aconteceu. “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.6).

Esses apetites dados pelo céu são a prova de um coração renovado, a evidência de uma vida espiritual inspiradora. Os apetites físicos são os atributos de um corpo vivo, não de um cadáver, e os desejos espirituais pertencem á alma que se tornou viva para Deus. E quando a alma renovada tem fome e sede de justiça, esses desejos interiores irrompem em uma oração sincera.

Na oração, devemos nos apegar ao nome, ao mérito e à virtude intercessória de Jesus Cristo, nosso grande Sumo Sacerdote. Sondando as condições e forças que acompanham a oração, chegamos à sua base vital, que fica sediada no coração humano. Não é apenas nossa necessidade, é o anseio do coração humano pelo que precisamos e por aquilo que nos sentimos impelidos a orar. O desejo é a vontade em ação, é uma espera forte e consciente, agitada, na natureza interior, por algum grande benefício. O desejo exalta o objeto de sua espera e focaliza a mente nele. Ele tem escolha, estabilidade e chama dentro de si e a oração, baseada nisso, é explícita e específica. Ele sabe do que precisa, sente e vê o que suprirá sua necessidade e se apressa para adquiri-lo.

O desejo santo é muito auxiliado pela contemplação piedosa. A meditação

sobre nossas necessidades espirituais e a prontidão e o poder de Deus para supri-las ajuda o desejo a crescer.
O pensamento sério, engajado em oração, aumenta o desejo, torna-o mais insistente e tende a nos salvar da ameaça da oração privada – o pensamento distraído. Falhamos muito mais em desejar do que em expressá-lo externamente. Conservamos a forma, enquanto a vida interior murcha e quase morre.

Pode-se bem perguntar se a fragilidade de nossos desejos por Deus, pelo Espírito Santo e por toda a plenitude de Cristo não seria a causa de orarmos tão pouco e de nosso enfraquecimento na prática da oração. Realmente sentimos esses suspiros internos de desejo pelos tesouros celestiais?

Os gemidos inerentes do desejo estimulam nossa alma a lutas poderosas? Ai de nós! O fogo queima muito baixo. O calor flamejante de nossa alma foi temperado e se transformou em mornidão. Esta, deve-se lembrar, foi a causa central da triste e desesperada condição dos crentes de Laodiceia, sobre os quais se pronuncia a terrível condenação: “Dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3.17).
Novamente: bem podemos perguntar se temos o desejo que nos leva a uma comunhão mais íntima com Deus, que é cheio de ardores indescritíveis e nos prende ali pela agonia de uma súplica intensa e estimuladora da alma. Nosso coração precisa ser trabalhado não somente para expulsar o mal, mas para colocar dentro dele o bem. E o fundamento e a inspiração do bem é o desejo forte e propulsor. Esta chama santa e ardente na alma desperta o interesse pelo céu, atrai a atenção de Deus e coloca à disposição daqueles que o praticam as inesgotáveis riquezas da graça divina.

O abafamento da chama do desejo santo é destrutivo das forças vitais e agressivas na vida da igreja. Deus requer ser representado por uma igreja inflamada ou não é representado de um modo adequado. O próprio Deus é um fogo e sua igreja, para ser como ele, também deve estar em calor branco. Os grandes e eternos interesses da religião nascida no céu e dada por Deus são as únicas coisas sobre as quais a igreja pode se permitir queimar. No entanto, o zelo santo não precisa exagerado para ser consumidor. Nosso Senhor era a antítese encarnada da excitabilidade nervosa, o absoluto oposto

da declaração intolerante ou barulhenta, mas o zelo da casa de Deus o consumia e o mundo ainda está sentindo o ardor de sua chama ardente e consumidora e respondendo a ela com uma prontidão sempre crescente e uma resposta cada vez mais abrangente.

Uma falta de ardor em oração e o sinal certo de uma falta de profundidade e de intensidade de desejo e a ausência de desejo intenso é um sinal certo da ausência de Deus no coração. Abater o fervor é afastar-se de Deus. Ele pode tolerar e, de fato, tolera muitas coisas como enfermidade ou erro de seus filhos. Ele pode perdoar e, de fato, perdoa o pecado quando o crente arrependido ora, mas duas coisas são intoleráveis para ele – falta de sinceridade e mornidão. A falta de sinceridade e a falta de calor são duas coisas que ele repudia e, aos crentes de Laodiceia, ele disse, em termos de inequívoca severidade e condenação: “Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca”. (Ap 3.15, 16)

Este foi o juízo expresso de Deus sobre a falta de fogo em uma das sete igrejas da Ásia e esta é sua sentença contra os cristãos pela falta fatal de zelo santo. Na oração, o fogo é o poder motivador. Princípios religiosos que não emergem em chama não têm força nem efeito. A chama são as asas sobre as quais ele voa; o fervor é a alma da oração. “Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo” (Tg 5.16). O amor é aceso por uma chama e a ardência é sua vida. A chama é o ar que o verdadeiro cristão respira. O amor alimenta o fervor. Ele pode suportar tudo, menos uma chama frágil. E ele morre, com frio e fome, quando a atmosfera ao seu redor é fria ou morna.

A verdadeira oração deve ser uma chama. A vida e o caráter cristãos precisam estar em chamas. A falta de calor espiritual cria mais infidelidade que a falta de fé. Não ter um interesse profundo pelas coisas do céu é não ter interesse pelo céu. As almas ardentes são aquelas que vencem no dia da batalha, aquelas de quem o reino do céu é conquistado com intensidade e que o conquistam pela força. A fortaleza de Deus só é conquistada por aqueles que avançam sobre ela com dedicação extrema, que a cercam com zelo ardente e constante.
Somente o calor abrasivo por Deus pode manter a incandescência do céu em nosso coração nesses dias frios. Os antigos metodistas não tinham sistema de

aquecimento em suas igrejas. Eles diziam que a chama nos bancos e o fogo no púlpito deviam ser suficientes para mantê-los aquecidos. E nós, agora, temos necessidade de ter a brasa viva do altar de Deus e a chama consumidora do céu inflamando nosso coração. Esta chama não é paixão mental nem energia carnal. É o fogo divino na alma, intenso e consumidor de impurezas – a própria essência do Espírito de Deus.

Nenhuma erudição, nenhuma pureza de dicção, nenhuma amplitude de conhecimento, nenhuma flor de eloquência, nenhuma graça pessoal pode substituir a falta de fogo. A oração sobe pelo fogo. A chama dá à oração acesso e asas, aceitação e energia. Não há incenso sem fogo; não há oração sem chama.

O desejo ardente é a base da oração incessante. Não é uma inclinação rasa e instável, mas um ardor inextinguível que impregna, incandesce, queima e firma o coração.
É a chama de um princípio presente e ativo que cresce em direção a Deus. é o ardor impulsionado pelo desejo que queima seu caminho até o trono de misericórdia e recebe o que pediu. É a pertinácia do desejo que dá vitória no conflito, em uma grande luta de oração. É o peso de um desejo significativo que torna sóbria e traz tranquilidade à alma que acabou de emergir de suas batalhas poderosas. É o caráter abrangente do desejo que arma a oração com milhares de argumentos e a reveste com uma coragem invencível e um poder capaz de conquistar tudo.
A mulher siro-fenícia é uma lição de objeto de desejo determinado por sua consistência e invulnerável em sua intensidade e em sua corajosa perseverança. A viúva inoportuna representa o desejo alcançando seu objetivo, passando por obstáculos insuperáveis a impulsos frágeis.

A oração não é a repetição de uma simples performance, nem um clamor indefinido e disperso. O desejo, ao mesmo tempo que põe fogo na alma, a mantém focado em seu objetivo. A oração é uma fase indispensável de hábito espiritual, mas deixa de ser oração quando é realizada apenas por uma questão de hábito. É a profundidade e a intensidade do desejo espiritual que dá intensidade e profundidade à oração. A alma não pode ficar indiferente quando algum grande desejo a acende e inflama. A urgência de nosso desejo nos liga à coisa desejada com uma tenacidade que se recusa a ser diminuída

ou afrouxada. Ela permanece, argumenta, persiste e se recusa a deixar ir até que a bênção tenha sido concedida.

Senhor, não te posso deixar ir,
Até que uma bênção me concedas;
Não desvie tua face;
Meu caso é urgente e grave.

O segredo da sinceridade medrosa, da falta de importunidade, coragem e força na oração está na fraqueza do desejo espiritual e a não observância da oração é o indício terrível de que esse desejo morreu, que a alma se afastou de Deus e o desejo por ele não a move mais em seu quarto. Não pode haver oração bem-sucedida sem desejo consumidor. É claro que pode haver muita aparência de oração sem desejo de qualquer tipo.

Muitas coisas podem ser catalogadas e muito terreno pode ser coberto. Mas o desejo compila o catálogo? O desejo mapeia a região a ser coberta? Pela resposta a estas perguntas saberemos se nossa petição é uma tagarelice ou uma oração. O desejo é intenso, mas limitado. Ele não pode se estender por uma grande área. Ele quer umas poucas coisas e as quer tanto, mas tanto, que nada, exceto a prontidão de Deus em responder pode trazer alívio ou contentamento.

O desejo se concentra em seu objetivo. Pode haver muitas coisas desejadas, mas elas são específica e individualmente sentidas e expressas. Davi não desejou tudo e não permitiu que seus desejos se espalhassem por toda parte e não atingissem o objetivo. Aqui está o modo como o desejo se expressou: “Uma coisa peço ao Senhor, e a buscarei: que eu possa morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida, para contemplar a beleza do Senhor e meditar no seu templo”. (Sl 27.4)

É a singularidade do desejo, a definição do anseio, que conta na oração e que a leva diretamente ao núcleo e ao centro da provisão.
Nas Bem-aventuranças, Jesus pronunciou as palavras que expressam diretamente os desejos de uma alma renovada e a promessa de que serão atendidos: “Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos” (Mt 5.6).

Esta, então, é a base da oração que incita uma resposta – este forte desejo interior entrou no apetite espiritual e clama por satisfação. Ai de nós! É totalmente verdadeiro e frequente que nossas orações agem na região árida de uma simples vontade ou na área desfolhada de uma oração memorizada. Às vezes, de fato, nossas orações são meramente expressões estereotipadas de frases reunidas e proporções convencionais, das quais o frescor e a vida se foi há muitos anos.

Sem desejo, não há peso de alma, nem noção de necessidade, nem visão, nem força, nem ardor de fé. Não há pressão poderosa, nem apego a Deus com uma tenacidade permanente e desesperada – "Não te deixarei ir se me não abençoares" (Gn 32.26). Não há um total auto-abandono, como houve com Moisés, quando, perdido nos espasmos de um pedido desesperado, pertinaz e consumidor, clamou: "Agora, pois, perdoa-lhe o pecado; ou, se não, risca-me, peço-te, do livro que escreveste" (Êx 32.32). Ou como houve com John Knox, quando argumentou: "Dê-me a Escócia, senão eu morro!".

Deus se aproxima poderosamente da alma que ora. Ver a Deus, conhecê-lo e viver para ele – este é o objetivo de toda oração. A oração é, afinal, inspirada a buscar a Deus. O desejo da oração é inflamado para ver a Deus e ter uma revelação mais clara, mais plena e mais doce e mais rica dele.

Portanto, para aqueles que oram assim, a Bíblia se torna uma nova Bíblia e Cristo, um novo Salvador, pela luz e pela revelação do quarto trancado. Afirmamos e reafirmamos que o desejo ardente – aumentado e sempre aumentando – por melhores e mais poderosos dons e graças do Espírito de Deus é a herança legítima de uma oração verdadeira e eficaz. O eu e o serviço não podem ser separados. Mais que isso, o desejo deve se tornar intensamente pessoal, deve ser centralizado em Deus com uma fome e uma sede insaciáveis por ele e sua justiça. "A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo" (Sl 42.2). O requisito indispensável de toda oração verdadeira é um desejo profundamente arraigado que busca o próprio Deus e permanece insatisfeito até que os pedidos feitos tenham sido rica e abundantemente atendidos.

Oração e fervor

“Santa Teresa se levantou de seu leito de morte para terminar sua obra. Ela inspecionou, com toda a sua vivacidade de olhos e amor pela ordem, toda a casa para a qual havia sido levada para morrer. Ela viu tudo colocado em seu devido lugar e cada um respondendo à sua própria ordem, segundo a qual ela frequentava os ofícios divinos do dia. Ela, então, voltou à sua cama, chamou seus irmãos para seu redor... e, com a mais penitencial das orações penitenciais de Davi, Teresa de Jesus foi se encontrar com seu Noivo” – ALEXANDER WHYTE.

A ORAÇÃO, sem fervor, não delimita nada porque não tem nada a delimitar. Ela vem com mãos vazias. Mãos, também, que são indiferentes, assim como vazias, que nunca aprenderam a lição de se apegarem à cruz.

A oração sem fervor não têm o coração em si. É uma coisa vazia, um vaso inadequado. Coração, alma e vida devem encontrar lugar em toda oração verdadeira. O céu deve sentir a força deste clamor a Deus.

Paulo foi um exemplo notável de homem que possuía um fervente espírito de oração. Sua petição era sempre consumidora, centrada inalteravelmente no objeto de seu desejo e no Deus que era capaz de atendê-lo.

As orações devem ser quentes. É a oração fervente que é eficaz e proveitosa. A frieza de espírito obstrui a oração. A oração não pode viver em uma atmosfera invernal. Atmosferas frias congelam a petição e secam as fontes de súplica. É preciso haver fogo para que as orações subam. O calor da alma cria uma atmosfera favorável à oração porque é favorável ao fervor. Por meio do fogo, a oração sobe ao céu. No entanto, fogo não é rebuliço e calor não é barulho. Calor é intensidade – algo que incandesce e queima. O céu é um mercado pobre para o gelo.

Deus quer servos de coração aquecido. O Espírito Santo vem como um fogo morar em nós. Devemos ser batizados com o Espírito Santo e com fogo. O fervor é o calor da alma. Um temperamento fleumático é avesso à experiência vital. Se nossa religião não coloca em chamas, é porque temos corações

congelados. Deus habita em uma chama. O Espírito Santo desce em fogo. Ser absorvido na vontade de Deus, ser tão grandemente honesto em fazer com que todo o nosso ser pegue fogo é a condição qualificadora daquele que se engaja em oração eficaz.

Nosso Senhor nos adverte contra a oração débil: As pessoas têm “o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (Lc 18.1). Isso significa que devemos possuir fervor suficiente para nos conduzir por severos e longos períodos de oração. O fogo deixa a pessoa alerta e vigilante e faz dela mais que vencedora. A atmosfera ao nosso redor é excessivamente carregada com forças que impedem que orações vacilantes e desanimadas sigam em frente. É preciso calor, fervor e fogo meteórico para levar as orações aos mais altos céus, onde Deus habita com os santos em luz.

Muitos dos grandes personagens da Bíblia foram exemplos notáveis de fervor espiritual quando buscavam a Deus. o salmista declara com grande sinceridade: “Consumida está a minha alma por desejar, incessantemente, os teus juízos”. (Sl 119.20)

Que fortes desejos de coração temos aqui! A alma sincera anseia pela Palavra do Deus vivo! Um fervor ainda maior é expresso por ele em outro lugar:

“Como suspira a corça pelas correntes das águas, assim, por ti, ó Deus, suspira a minha alma. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo; quando irei e me verei perante a face de Deus?” (Sl 42.1, 2)

Esta é a palavra de um homem que viveu em estado de graça, que foi profunda e sobrenaturalmente trabalhado em sua alma.

O fervor diante de Deus conta na hora da oração e encontra uma rápida e rica recompensa em suas mãos. O salmista nos dá esta declaração sobre aquilo que Deus havia feito pelo rei quando seu coração se voltou ao seu Senhor:

“Satisfizeste-lhe o desejo do coração e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios”. (Sl 21.2)

Em outro momento, ele assim se expressa diretamente a Deus ao apresentar seu pedido: “Na tua presença, Senhor, estão os meus desejos todos, e a minha

ansiedade não te é oculta”. (Sl 38.9)

Que pensamento consolador! Nossos gemidos interiores, nossos desejos secretos, os anseios de nosso coração não estão escondidos aos olhos daquele com quem temos que lidar em oração.

O incentivo ao fervor espiritual diante de Deus é precisamente o mesmo para a oração continuada e sincera. Embora o fervor não seja uma oração, ele deriva de uma sincera e é precioso aos olhos de Deus. O fervor em oração é o precursor daquilo que Deus fará por meio da resposta. Deus está empenhado em nos dar o desejo do nosso coração na proporção do fervor espiritual que demonstramos quando buscamos sua face em oração.

O fervor tem sua sede no coração, não no cérebro nem nas faculdades intelectuais da mente. O fervor, portanto, não é uma expressão do intelecto. O fervor espiritual é algo que transcende muito a fantasia poética e o imaginário sentimental. É algo que vai além da mera preferência e do contraste entre gosto e aversão. O fervor é o palpitar e o gesticular da natureza emocional.

Talvez não esteja em nossas mãos criar o fervor espiritual, mas podemos orar para que Deus o implante em nós. É nosso dever, então, alimentá-lo e estimá-lo, além de cuidar para que não seja extinto e impedir que ele diminua ou decline. O processo de salvação pessoal não é somente orar, expressar nossos desejos a Deus, mas adquirir um espírito fervente e procurar, por todos os meios adequados, cultivá-lo. Nunca é inadequado orar para que Deus gere em nós e mantenha vivo o espírito de fervente oração.

O fervor tem a ver com Deus, assim como a oração. O desejo sempre tem um objetivo. Se desejamos, desejamos alguma coisa. O grau de fervor com o qual moldamos nossos desejos espirituais serve para determinar a sinceridade de nossa oração. A esse respeito, Adoniran Judson diz: Um espírito que trabalha pesadamente, as dores de um grande desejo, pertencem à oração. Um fervor suficientemente forte para espantar o torpor, que se dedica e inflama o espírito e que retira todos os vínculos terrenos, tudo isso pertence à oração batalhadora e eficaz. O Espírito, o poder, o ar e o alimento da oração estão neste espírito.

A oração deve ser revestida com fervor, força e poder. É a força que, centrada

em Deus, determina como ele concederá o bem terreno. Aqueles que são ferventes em espírito são inclinados a alcançar a justiça, a verdade, a graça e todas as outras graças sublimes e poderosas que adornam o caráter do autêntico e determinado filho de Deus.

Certa vez, Deus, pela boca de um corajoso profeta, declarou a um rei que já tinha sido fiel a Deus, mas que, por causa do sucesso e da prosperidade material, havia perdido sua fé, a seguinte mensagem: “Quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar--se forte para com aqueles cujo coração é totalmente dele; nisto procedeste loucamente; por isso, desde agora, haverá guerras contra ti”. (2Cr 16.9)

Deus havia ouvido a oração de Asa em sua vida anterior, mas o desastre veio e o problema foi enviado porque havia abandonado a vida de oração e a fé simples.

Em Romanos 15.30, temos a palavra “luteis” ocorrendo no pedido que Paulo fez pela cooperação em oração.

Em Colossenses 4.12, temos a mesma palavra, mas traduzida de modo diferente: “Epafras... se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações”. Paulo incumbiu os romanos a lutar juntamente com ele em oração, isto é, a ajudá-lo em sua luta de oração. A palavra significa entrar em uma disputa, lutar contra adversários. Ela significa, além disso, engajar-se com zelo fervente e empenhar-se para alcançar o resultado.

Esses exemplos registrados do exercício e da recompensa da fé nos permitem ver facilmente que, em quase todos os casos, a fé foi misturada com confiança até o ponto que não é exagero dizer que a primeira foi engolida pela segunda. É difícil distinguir adequadamente as atividades específicas dessas duas qualidades, fé e confiança. Mas há um ponto, além de toda dúvida, no qual a fé é aliviada de seu fardo, por assim dizer, um ponto no qual a confiança se aproxima e diz: “Você fez a sua parte. O resto é comigo”.

No incidente da figueira estéril, nosso Senhor transfere o maravilhoso poder da fé aos seus discípulos. À sua exclamação, “Como secou depressa a figueira!”, ele disse: “Se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e

lança-te ao mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis” (Mt 21.21, 22).

Quando o cristão alcança uma fé em proporções grandiosas como esta, ele dá um passo em direção ao campo da confiança implícita. Ele fica sem tremor no ápice de sua expansão espiritual. Ele chegou ao verdadeiro topo da fé que é confiança firme, inalterável e inalienável no poder do Deus vivo.

Oração e insistência

“Com que eloquência falamos em orar sem cessar! No entanto, estamos prontos a renunciar a ela se ela permanecer sem resposta por uma semana ou um mês. Admitimos que, com um golpe de seu braço ou uma ação de sua vontade, Deus nos dará o que pedimos. Nunca nos parece evidente que ele é o Mestre da natureza, assim como da graça, e que, às vezes, ele escolhe um caminho e, às vezes, outro, para realizar sua obra. Às vezes leva anos para que venha a resposta de uma oração e, quando vem, olhamos para trás e vemos que ela veio. Mas Deus sabe todo o tempo e é sua vontade que oremos, oremos e oremos, e, assim, venhamos a saber, de fato e de verdade, o que é orar sem cessar” – ANÔNIMO.

NOSSO Senhor declarou que as pessoas têm “o dever de orar sempre e nunca esmorecer” (Lc 18.1) e a parábola na qual suas palavras ocorrem foi ensinada com a intenção de salvar as pessoas de orações medrosas e fracas. Nosso Senhor estava tentando ensinar que a lassidão deve ser evitada e a persistência deve ser alimentada e encorajada. Não pode haver duas opiniões sobre a importância do exercício desta qualidade indispensável em nossa oração.

A oração insistente é um movimento poderoso da alma em direção a Deus. É a inspiração das mais profundas forças da alma em direção ao trono da graça celestial. É a capacidade de permanecer, fazer pressão e esperar. O desejo impaciente, a paciência tranquila e a força de compreender estão incluídas nela. A insistência não é um incidente ou uma façanha, mas uma paixão da alma. Não é uma carência, mas uma clara necessidade.

A qualidade combativa em orações insistentes não flui da veemência física nem da energia carnal. Não é um impulso de energia, nem uma simples sinceridade de alma, é uma força entretecida, uma faculdade implantada e despertada pelo Espírito Santo. Virtualmente, é a intercessão do Espírito de Deus em nós. É, além disso, a súplica do justo, que muito pode em sua eficácia. O Espírito divino animando cada elemento em nós com a energia de seu próprio trabalho é a essência da insistência que realça nossa oração no trono de misericórdia para continuarmos até que o fogo caia e a bênção

venha. Esta luta em oração pode não ser tumultuosa ou violenta, mas tranquila, tenaz e urgente. Ela pode ser silente quando não há meios visíveis para dar vazão às suas forças poderosas.

Nada distingue os filhos de Deus tão clara e fortemente quanto a oração. Esta é a única marca e teste infalíveis para um cristão. Os cristãos são piedosos; os que são apegados ás coisas mundanas, não oram. Os cristãos invocam a Deus; os mundanos o ignoram e não invocam o seu Nome. Mas até mesmo o cristão tem necessidade de cultivar oração contínua. A oração deve ser habitual, muito mais que um hábito. É um dever, mas um dever que se eleva muito acima e vai muito além das implicações ordinárias do termo. É a expressão de uma relação com Deus, um anseio pela comunhão divina. É o fluxo para fora e para cima da vida interior em direção à sua fonte original. É uma afirmação da paternidade da alma, uma reivindicação de filiação que liga a pessoa ao Eterno.

A oração tem tudo a ver com a moldagem da alma à imagem de Deus e tem tudo a ver com aumentar e ampliar a medida da graça divina. Tem tudo a ver com colocar a alma em completa comunhão com Deus. Tem tudo a ver com enriquecer, estender e amadurecer a experiência da alma com Deus. A pessoa que não ora provavelmente não pode ser chamada de cristã. Por nenhum pretexto possível ela pode reivindicar direito ao termo nem ao seu significado implícito. Se não orar, ela é uma pecadora, pura e simples, pois a oração é o único modo pelo qual a alma de uma pessoa pode entrar em comunhão com a fonte de do espírito e energia cristãos. Portanto, se não orar, ela não pertence à família da fé.

Neste estudo, porém, dirigimos nosso pensamento para uma fase da oração – a da insistência, apresentação de nossos desejos diante de Deus com urgência e perseverança, a oração com aquela tenacidade e tensão que não relaxa nem cessa até que seu apelo seja ouvido e sua causa seja ganha.

Aquele que tem clara compreensão de Deus e concepções escriturísticas do caráter divino; que aprecia seu privilégio de se aproximar de Deus; que entende sua necessidade interior de tudo o que Deus tem para ele – este será solícito, franco e insistente. Na Sagrada Escritura, o dever da oração é defendido em termos que dificilmente podem ser mais fortes que aqueles nos quais a necessidade de insistência é apresentada. A oração que influencia

Deus é declarada como sendo a da expansão fervente e eficaz de uma pessoa justa. Isso equivale a dizer que é a oração em chamas, sem uma chama fraca e oscilante, não um lampejo momentâneo, mas brilhando com uma incandescência vigorosa e permanente.

As repetidas intercessões de Abraão pela salvação de Sodoma e Gomorra apresentam um exemplo antigo da necessidade e do benefício que derivam da oração insistente. Jacó, lutando toda a noite com o anjo, dá importante ênfase ao poder de uma perseverança obstinada em oração e mostra como, em assuntos espirituais, ocorre a insistência, assim como ocorre efetivamente em assuntos relacionados ao tempo e ao sentido. Como já observamos em outro lugar, Moisés orou por quarenta dias e quarenta noites, tentando manter a ira de Deus longe de Israel e seu exemplo e sucesso são um estímulo para a fé do tempo presente em seu momento mais negro. Elias repetiu e realçou sua oração sete vezes até que a nuvem apareceu no horizonte, anunciando o sucesso de sua oração e a vitória de sua fé. Em certa ocasião, Daniel, embora estivesse abatido e fraco, apresentou seu caso por três semanas, até que a resposta veio com a bênção.

Muitas noites, durante sua vida terrena, o bendito Salvador passou em oração. No Getsêmane, ele apresentou a mesma petição, três vezes, com insistência firme, urgente, mas submissa, que envolveu cada elemento de sua alma e acabou em lágrimas e suor ensanguentado. As crises de sua vida foram distintamente marcadas e as vitórias de sua vida foram alcançadas em horas de oração insistente. E o servo não é maior que o seu Senhor.

A parábola do juiz iníquo é um clássico da oração insistente. É oportuno nos lembrarmos dela neste ponto de nosso estudo.

“Disse-lhes Jesus uma parábola sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer: Havia em certa cidade um juiz que não temia a Deus, nem respeitava homem algum. Havia também, naquela mesma cidade, uma viúva que vinha ter com ele, dizendo: Julga a minha causa contra o meu adversário. Ele, por algum tempo, não a quis atender; mas, depois, disse consigo: Bem que eu não temo a Deus, nem respeito a homem algum; todavia, como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que,por fim, venha a molestar-me. Então, disse o Senhor: Considerai no que diz este juiz iníquo. Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e

noite, embora pareça demorado em defendê-los? Digo-vos que, depressa, lhes fará justiça" (Lc 181-8).

Esta parábola enfatiza a verdade central da oração insistente. A viúva apresenta sua causa até que o juiz iníquo a julgue. Se esta parábola não ensina a necessidade de insistência, então ela não ensina nada. Tire esta ideia central e não sobrará nada que mereça ser registrado. Além de toda objeção capciosa, Cristo quis que ela fosse uma evidência da necessidade de oração insistente.

Temos o mesmo ensino enfatizado no incidente da mulher siro-fenícia, que foi a Jesus por causa de sua filha. Aqui, a insistência é demonstrada não como uma pequena impertinência, mas como o revestimento persuasivo de humildade, sinceridade e fervor. Temos aqui um vislumbre da fé pegajosa daquela mulher, de sua dor amarga e de seu discernimento espiritual. O Mestre passou por aquela região sidônia para que esta verdade pudesse servir de exemplo por todo o tempo – não há súplica tão eficaz quanto a oração insistente e nenhuma à qual Deus se dedique são plena e livremente. A insistência desta mãe angustiada alcançou sua vitória e materializou seu pedido. No entanto, em vez de ser uma ofensa ao Salvador, esta insistência arrancou dele uma palavra de admiração e surpresa feliz: "Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres". (Mt 15.28)

Aquele que não insiste em seu pedido não ora. Orações frias não têm direito ao céu nem audiência nas cortes celestiais. O fogo é a vida da oração e o céu é alcançado pela insistência ardente elevando-se em escala ascendente.

Voltando ao caso da viúva insistente, vemos que sua viuvez, seu estado de desamparo e sua fraqueza não valeram de nada para o juiz iníquo. A insistência foi tudo. "Como esta viúva me importuna, julgarei a sua causa, para não suceder que, por fim, venha a molestar-me" (Lc 18.5). Somente porque a viúva se impôs sobre o tempo e a atenção do juiz iníquo sua causa foi julgada. Deus espera pacientemente enquanto, dia e noite, seus eleitos clamam a ele. Ele é movido por seus pedidos milhares de vezes mais que este juiz iníquo. Um limite é colocado à sua demora pela oração insistente de seu povo e a resposta é dada ricamente. Deus encontra fé em seu filho que ora – a fé que permanece e clama – e a honra, permitindo seu exercício até o fim, para que seja fortalecida e enriquecida. Então ele a recompensa, atendendo ao seu pedido completa e finalmente.

O caso da mulher siro-fenícia, mencionado anteriormente, é um exemplo notável de insistência bem-sucedida, um exemplo que é eminentemente encorajador para todos aqueles desejam orar com êxito. Este foi um caso de insistência e perseverança até a vitória final, em face de obstáculos e impedimentos quase insuperáveis. Entretanto, a mulher os superou com fé heróica e espírito persistente que foram tão notáveis quanto bem-sucedidos. Jesus tinha ido ao seu país “queria que ninguém o soubesse” (Mc 7.24). Porém, ela abre caminho até ele, viola sua privacidade, atrai sua atenção e despeja diante dele um apelo intenso de necessidade e fé. Seu coração estava em sua oração.

Inicialmente, Jesus parece não dar atenção à sua agonia e ignora seu clamor por alívio. Ele não lhe dá olho, nem ouvido, nem palavra. O silêncio, profundo e gelado, encontra seu clamor fervoroso. Mas ela não se desvia nem fica abatida. Ele continua.

Os discípulos, ofendidos por seu clamor inadequado, intercedem por ela, mas são silenciados pela declaração do Senhor de que aquela mulher está totalmente fora do alcance de sua missão e de seu ministério.

Mas nem a falha dos discípulos em fazê-la ser ouvida nem o conhecimento – desesperador em sua própria natureza – de que ela está impedida de receber os benefícios de sua missão a desanimam. Pelo contrário, servem apenas para dar intensidade e mais ousadia para que ela se aproxime de Cristo. ele chega mais perto, interrompendo sua oração e caindo aos seus pés, adorando-o e fazendo do caso de sua filha seus próprios clamores, com grande brevidade – “Senhor, socorre-me!” (Mt 15.25).

Este último clamor alcançou seu objetivo. Sua filha foi curada no mesmo instante. Esperançosa, urgente e incansável, ela permaneceu perto do Mestre, insistindo e orando até que a resposta foi dada. Que estudo de insistência, sinceridade e persistência, promovido e impulsionado sob condições que teriam desanimado qualquer pessoa, menos uma alma heróica e constante.

Nessas parábolas sobre a oração insistente, nosso Senhor expõe, para nossa informação e encorajamento, as sérias dificuldades que se colocam no caminho da oração.

Ao mesmo tempo, ele nos ensina que a insistência vence todas as circunstâncias adversas e conquista a vitória sobre todo o exército de obstáculos. Ele ensina, além disso, que uma resposta à oração depende da quantidade de fé que vai na petição. Para testar isso, ele retarda a resposta. A oração superficial cessa diante do silêncio, quando a resposta demora. Entretanto, a pessoa de oração se mantém firme e continua orando. O Senhor reconhece e honra sua fé e lhe dá uma resposta rica e abundante à sua oração insistente e evidenciadora de fé.

"Dois terços das orações que fazemos são por aquilo que nos daria o maior prazer possível de receber. É um tipo de auto indulgência espiritual na qual nos engajamos e sua consequência é o oposto exato de auto disciplina. Deus sabe de tudo isso e mantém seus filhos pedindo. Ao longo do tempo – o tempo de Deus – nossas petições assumem outro aspecto e nós, outra abordagem espiritual. Deus nos mantém orando até que, em sua sabedoria, condescende em responder. E não importa quanto tempo tenha passado antes de ele responder, ela é dada muito antes do que nós temos o direito de esperar recebê-la" – ANÔNIMO.

O TEOR dos ensinos de Cristo é declarar que as pessoas devem orar sinceramente – orar com uma sinceridade que não pode ser negada. O céu tem ouvidos atentos somente para os sinceros e profundamente honestos. Energia, coragem e perseverança persistente devem endossar as orações que o céu respeita e Deus ouve. Todas essas qualidades da alma, tão essenciais à oração eficaz, são exibidas na parábola do amigo inoportuno que foi pedir pão ao seu amigo à meia-noite. Este homem realizou seu dever com confiança. A amizade lhe prometia sucesso. Seu pedido era urgente: na verdade, ele não podia voltar de mãos vazias.

A recusa imediata o desapontou e surpreendeu. Aqui, até mesmo a amizade falhou.
Mas havia algo que ainda podia ser tentado – resolução firme, determinação inabalável. Ele permaneceria ali e insistiria até que a porta fosse aberta e o pedido fosse atendido. Ele fez isso e, por meio da insistência, assegurou o que a solicitação comum havia falhado em obter.

O sucesso deste homem, alcançado diante de uma recusa imediata, foi usado

pelo Salvador para ilustrar a necessidade de insistência nas súplicas dirigidas ao trono da graça celestial. Quando a resposta não é dada imediatamente, o cristão que ora deve reunir coragem a cada demora e aumentar a urgência até que venha a resposta assegurada, se ele tiver fé para apresentar seu pedido com fé vigorosa.
Lassidão, receio, impaciência e timidez são fatais para nossas orações. Aguardando pelo começo de nossa insistência estão o coração do Pai, a mão do Pai, o infinito poder do Pai e a infinita boa vontade do Pai em ouvir e atender aos seus filhos.

A oração insistente é o movimento sincero e interno do coração em direção a Deus. É o lançamento de toda a força do homem espiritual ao exercício da oração. Isaías lamentou que ninguém se animava a se apegar a Deus. Muitas orações foram feitas no tempo de Isaías, mas comuns, indiferentes e complacentes. Não havia poderosos movimentos de alma em direção a Deus. Não havia grandes quantidades de energia santificada inclinadas a alcançar e brigar com Deus e tirar dele os tesouros de sua graça. Orações sem força não têm o poder de vencer as dificuldades, nem de vencer resultados marcados ou obter vitórias completas. Devemos vencer Deus antes que possamos vencer nossa disputa.
Isaías olhou para frente com olhos esperançosos, para o dia em que a religião floresceria, quando seria tempo de verdadeira oração.

Quando esse tempo chegar, os sentinelas não diminuirão sua vigilância, mas clamarão dia e noite e aqueles que forem os lembradores de Deus não lhe darão descanso. Seus esforços urgentes e persistentes manterão todos os interesses espirituais ocupados e farão saques cada vez maiores nos tesouros inesgotáveis de Deus.
A oração insistente nunca se cansa nem se fatiga. Ela nunca fica desencorajada. Ela nunca se entrega à covardia, mas é mantida e sustentada por uma esperança que não conhece desespero e por uma fé que não a deixa ir embora. A oração insistente tem paciência para esperar e força para seguir em frente. Ela nunca se prepara para renunciar à oração e se recusa a se levantar de sobre seus joelhos até que a resposta seja recebida. As palavras familiares, mas estimulantes daquele grande missionário, Adoniran Judson, são o testemunho de um homem que era insistente em oração.

Ele disse: Nunca me interesse profundamente por nada, nunca orei sincera e honestamente por isso, mas isso veio em algum momento, não importa há quanto tempo. De algum modo, de alguma forma, provavelmente a última que eu teria imaginado, veio.

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” (Mt 7.7). Estes são os desafios retumbantes de nosso Senhor a respeito da oração e sua intimação para que a verdadeira oração permaneça e cresça em esforço e urgência, até que seja respondida e a bênção pleiteada seja recebida. Nestas três palavras, pedir, buscar e bater, na ordem em que as coloca, Jesus mostra a necessidade de oração insistente. Pedir, buscar e bater são degraus na escada da oração bem-sucedida. Nenhum princípio é mais definidamente enfatizado por Cristo que a oração que prevalece deve ter a qualidade que espera e persevera, a coragem que nunca se rende, a paciência que nunca se cansa e a determinação que nunca vacila.

Na parábola do amigo inoportuno, uma lição muito importante e instrutiva a esse respeito é delineada. A coragem indômita, a pertinácia incessante e a firmeza de propósito são as principais qualidades incluídas na avaliação de Cristo da mais elevada e mais bem-sucedida forma de oração.

A insistência é constituída de intensidade, perseverança, paciência e persistência. A aparente demora em responder à oração é o fundamento e a necessidade de insistência. No primeiro caso registrado de um milagre realizado em uma pessoa cega, como narrado por Mateus, temos uma ilustração do modo pelo qual nosso Senhor veio não para dar ouvidos imediatamente àqueles que o buscavam. Mas os dois cegos continuaram clamando e o seguiram com sua petição contínua, dizendo: “Tem compaixão de nós, Filho de Davi!” (Mt 9.27). Mas ele não lhes deu resposta e entrou na casa. Porém, os necessitados o seguiram e, finalmente, tiveram seu pedido atendido e passaram a enxergar.

O caso do cego Bartimeu é notável em muitos sentidos. É especialmente notável por mostrar a persistência que este cego demonstrou em recorrer ao nosso Senhor. Se aconteceu – como parece – que seu primeiro clamor foi feito quando Jesus entrou em Jericó e que ele continuou até que Jesus saiu da cidade, esta é a mais forte ilustração da necessidade de oração insistente e do

sucesso que vêm àqueles que apostam tudo em Cristo e não o deixam em paz até que ele conceda o desejo de seu coração.

Marcos coloca todo o incidente geograficamente diante de nós. Inicialmente, Jesus parece não ouvir. A multidão reprova o clamor barulhento de Bartimeu. Apesar da aparente falta de interesse de nosso Senhor e apesar da reprovação de uma multidão impaciente e exaltada, o mendigo cego ainda clama e aumenta o volume de seu clamor até que Jesus fica comovido e tocado. Finalmente, a multidão, assim como Jesus, dá ouvidos ao pedido do mendigo e declara apoio à sua causa. Seu pedido foi atendido. Sua insistência foi proveitosa até mesmo diante da aparente negligência da parte de Jesus e apesar da oposição e da reprovação da multidão. Sua persistência vence onde a indiferença tíbia teria certamente falhado.
A fé tem seu campo de ação em associação com a oração e, é claro, tem uma associação inseparável com a insistência. Mas esta última qualidade leva a oração ao ponto central. Um espírito persistente leva a pessoa ao lugar onde a fé aproveita, reivindica e se apropria da bênção.

A necessidade imperativa da oração insistente é claramente apresentada na Palavra de Deus e precisa ser afirmada e reafirmada hoje. Somos tentados a negligenciar esta verdade vital. O amor pelo conforto, a indolência espiritual e a preguiça religiosa agem contra esse tipo de petição. Nossa oração, porém, precisa ser apresentada e perseguida com uma energia incansável, uma persistência que nunca será negada e uma coragem que nunca falha.

Temos necessidade, também, de refletir sobre esse misterioso fato da oração – a certeza de que haverá demoras, negações e aparentes falhas em conexão com seu exercício. Devemos estar preparados para suportar tudo isso e não cessar nossa oração urgente. Como um bravo soldado, que, quando o conflito se torna mais severo, demonstra uma coragem superior que nos estágios anteriores da batalha, assim também o cristão que ora, quando a demora e a negação se lhe opõem, aumenta sua petição sincera e não para de orar até que a oração prevaleça. Moisés fornece um exemplo ilustre de oração insistente.

Em vez de permitir que sua proximidade com Deus e sua intimidade com ele dispensassem a necessidade de insistência, ele as considera como capacitando-o melhor ao seu exercício. Quando Israel construiu o bezerro de

ouro, a ira de Deus caiu violentamente sobre eles e Jeová, pronto para fazer justiça, disse a Moisés, depois de divulgar qual era seu propósito: “Deixe-me sozinho”. Mas Moisés não o deixou sozinho. Ele se lançou diante do Senhor em intercessão agonizante em favor dos israelitas pecadores e, por quarenta dias e quarenta noites, jejuou e orou. Que período de oração insistente foi este!

Jeová ficou irado com Aarão também, que havia agido como líder neste projeto idólatra do bezerro de ouro. Mas Moisés orou por Aarão e também pelos israelitas. Se não tivesse feito isso, Israel e Aarão teriam perecido sob o fogo consumidor da ira de Deus. Este longo período de súplica diante de Deus deixou sua poderosa impressão sobre Moisés. Ele tinha estado em estreita relação com Deus antes disso, mas nunca seu caráter tinha alcançado a grandeza que o caracterizou nos dias e anos que se seguiram a este longo período de oração insistente.
Não pode haver dúvida de que esta oração insistente move a Deus e fortalece o caráter humano. Quanto mais ficarmos com Deus nesta grande ordenança de intercessão, mais brilhantemente nosso rosto brilhará, mais ricamente capacitados serão nossa vida e nosso serviço, com as qualidades que ganham a afeição da humanidade e trazem glória ao nome de Deus.

Oração, caráter e conduta

“O General Charles James Gordon, o herói de Cartum, era verdadeiramente um soldado cristão. Preso na cidade sudanesa, ele corajosamente resistiu por um ano, mas, por fim, foi vencido e morto. Em sua memória, na Abadia de Westminster, estão as palavras: ‘Ele deu seu dinheiro aos pobres; sua simpatia aos entristecidos; sua vida ao seu país e sua alma a Deus” – HOMER W. HODGE.

A ORAÇÃO governa a conduta e a conduta faz o caráter. Conduta é o que fazemos; caráter é o que somos. A conduta é a vida externa; o caráter é a vida que não é vista, escondida, mas que é evidenciada por aquilo que é visto. A conduta é externa, vista de fora; o caráter é interno – age por dentro. Na economia da graça, a conduta é fruto do caráter. Caráter é o estado do coração, a conduta é sua expressão externa. Caráter é a raiz da árvore, conduta são os frutos que ela produz.

A oração está relacionada a todos os dons da graça. Com o caráter e a conduta, sua relação é de ajudadora. A oração ajuda a estabelecer o caráter e modelar a conduta e ambos, para sua continuidade bem-sucedida, dependem da oração. Pode haver um certo grau de caráter moral e conduta independente da oração, mas não pode haver nada como um caráter distintivamente religioso e uma conduta cristã sem oração. A oração ajuda onde todas as outras ajudas falham. Quanto mais oramos, melhores somos e melhor e mais pura é nossa vida.
O próprio fim e propósito da obra substitutiva de Cristo é criar um caráter religioso e formar uma conduta cristã. “O qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniquidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras”. (Tt 2.14)

No ensino de Cristo, não é simplesmente sobre obras de caridade e atos de misericórdia que ele insiste, mas no caráter espiritual. Isso é muito exigido e nada menos que isso será suficiente. No estudo das epístolas de Paulo, há uma coisa que se destaca clara e inequivocamente – a insistência sobre a santidade do coração e a justiça da vida. Paulo não procura tanto promover o

que é chamado de “obra pessoal” e o tema principal de suas cartas não são atos de caridade. É a condição do coração humano e a irrepreensibilidade da vida pessoal que formam a ideia central dos escritos de Paulo.

Em outras partes da Escritura, também, o caráter e a conduta é que são proeminentes. A religião cristã lida com pessoas que são destituídas de caráter espiritual e têm vida ímpia e tem o objetivo de transformá-los de pessoas más em pessoas boas. Ela lida com a maldade interior e age para transformá-la em bondade interior. E é exatamente aí que a oração entra e demonstra sua maravilhosa eficácia e seus frutos. A oração conduz em direção a este fim específico.

De fato, sem oração, nenhuma mudança sobrenatural no caráter pode ser realizada, pois a mudança da maldade para a bondade não é realizada “não por obras de justiça praticadas por nós, mas, segundo a sua misericórdia, ele nos salvou mediante o lavar regenerador” (Tt 3.5). E esta mudança maravilhosa é produzida pela oração sincera, persistente e fiel. Toda suposta forma de Cristianismo que não produz esta mudança no coração das pessoas é uma fraude e um laço.

A função da oração é mudar o caráter e a conduta das pessoas e, em casos incontáveis, isso tem sido feito pela oração. Neste ponto, a oração, por meio de suas credenciais, tem provado seu caráter divino. E assim como a função da igreja é fazer isso, assim também a obra-prima da igreja é reter o mal das pessoas e torná-las boas. Sua missão é mudar a natureza humana, mudar o caráter, influenciar o comportamento, revolucionar a conduta. Presume-se que a igreja seja justa e deve se engajar em tornar as pessoas justas. A igreja é a fábrica de Deus sobre a terra e seu dever primário é criar e alimentar a justiça de caráter. Este é seu objetivo primordial. Primariamente, sua obra não é ganhar membros, nem acumular números, nem ajuntar dinheiro, nem engajar-se em atos de caridade e obras de misericórdia, mas produzir justiça de caráter e pureza de vida.

Um produto reflete e participa do caráter da fábrica que o produz. Uma igreja justa com um propósito justo torna uma pessoa justa. A oração produz pureza de coração e de vida. Ela não pode produzir nada diferente disso. A conduta injusta nasce da falta de oração. As duas caminham de mãos dadas.

A oração e o pecado não podem ser companheiros. Uma ou outro devem, necessariamente, cessar. Leve as pessoas a orar e elas vão abandonar o pecado porque a oração cria uma aversão ao pecado e, assim, age no coração para que a prática do mal se torne repugnante e toda a natureza seja levada a uma contemplação reverente de coisas elevadas e santas.
A oração é baseada no caráter. O que somos com Deus determina nossa influência com ele. Foi o caráter, não a aparência externa, de homens como Abraão, Jacó, Davi Moisés e todos os outros que teve grande influência com Deus nos tempos antigos.

E, hoje, não é tanto nossas palavras, mas o que realmente somos que pesa para Deus. A conduta afeta o caráter, é claro, e conta muito para nossa oração. Ao mesmo tempo, o caráter afeta a conduta em grande medida e tem uma influência superior sobre a oração. Nossa vida interior não dá apenas cor à nossa oração, mas também dá corpo. Uma vida ruim significa uma oração ruim e, por fim, nenhuma oração. Oramos fracamente porque vivemos fracamente. A corrente da oração não pode se elevar acima da fonte da vida. A força do quarto trancado é composta da energia que flui das correntes confluentes de vida. E a fraqueza de vida se desenvolve a partir da pouca profundidade e da qualidade inferior do caráter.

A fraqueza de vida se reflete na debilidade e na languidez de nossos momentos de oração. Simplesmente não conseguimos falar com Deus forte, íntima e confiantemente a não ser que vivamos para ele, fiel e verdadeiramente. O quarto de oração não pode se tornar santificado para Deus quando a vida está afastada de seus preceitos e propósito. Devemos aprender bem esta lição – o caráter justo e a conduta cristã nos dão uma posição peculiar e preferencial em oração diante de Deus. Sua Palavra santa dá ênfase especial à parte da conduta que tem um valor objetivo para nossa oração quando declara:“Então, clamarás, e o Senhor te responderá; gritarás por Socorro, e ele te dirá: Eis-me aqui. Se tirares do meio de ti o jugo, o dedo que ameaça, o falar injurioso.” (Is 58.9)

A impiedade de Israel se suas práticas abomináveis foram definitivamente citadas por Isaías como a razão pela qual Deus desviou seus ouvidos do povo: “Quando estendeis as mãos, escondo de vós os olhos; sim, quando

multiplicais as vossas orações, não as ouço, porque as vossas mãos estão cheias de sangue". (Is 1.15)
A mesma triste verdade foi declarada pelo Senhor pela boca de Jeremias: "Tu, pois, não ores por este povo, nem levantes pore le clamor nem oração; porque não os ouvirei quando eles clamarem a mim, por causa do seu mal". (Jr 11.14)

Aqui, é claramente afirmado que a conduta ímpia é um impedimento à oração bem-sucedida, assim como é claramente afirmado que, para se ter sucesso com Deus em oração, deve haver um abandono total do pecado consciente e premeditado.

Somos ordenados a orar "levantando mãos santa, sem ira e sem animosidade" (1Tm 2.8) e devemos passar o tempo de nossa jornada aqui em uma rigorosa abstenção do mal se quisermos conservar nosso privilégio de clamar ao Pai. Não podemos, por nenhum processo, divorciar oração e conduta.

"Aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável". (1Jo 3.22)
E Tiago declara claramente que as pessoas pedem e não recebem porque pedem mal buscam somente a gratificação de seus desejos egoístas.
A prescrição de nosso Senhor, "vigiai, pois, a todo tempo" (Lc 21.36), deve cobrir e guardar toda a nossa conduta para que possamos entrar em nosso quarto com toda a força assegurada por uma observância vigilante sobre toda a nossa vida.

"Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço". (Lc 21.34)

Muito frequentemente, a experiência cristã assenta os alicerces sobre a rocha da conduta. Belas teorias são contaminadas por vidas feias. A coisa mais difícil a respeito da piedade, bem como a mais impressionante, é ser capaz de vivê-la. É a vida que conta e nossa oração sofre, assim como outras áreas de nossa experiência religiosa, por causa da vida ruim.
Em tempos antigos, os pregadores foram incumbidos de pregar por suas vidas

ou não pregarem nada. Da mesma forma, os cristãos, hoje, devem ser incumbidos de orar por suas vidas, ou não orarem nada. A pregação mais eficaz não é aquela que é ouvida do púlpito, mas a que é proclamada calma, humilde e consistentemente, que exibe suas excelências em casa e na comunidade.

O exemplo prega um sermão muito mais eficaz que um preceito. A melhor pregação, até mesmo no púlpito, é aquela que é fortalecida por um viver piedoso do próprio pregador. A obra mais eficaz feita pelo banco da igreja é precedida e acompanhada pela santidade de vida, pela separação do mundo e pelo rompimento com o pecado. Algumas das mais fortes súplicas são feitas com os lábios fechados – por pais piedosos e mães santas que, diante da lareira, temeram a Deus, amaram sua causa e exibiram, diariamente, aos seus filhos e a outros junto deles as belezas e excelências da vida e da conduta cristãs.

O sermão mais bem preparado e mais eloquente pode ser obstruído e tornado ineficaz por práticas questionáveis do pregador. O trabalhador mais ativo da igreja pode ter o trabalho de suas mãos viciado pelo mundanismo de seu espírito e pela inconsistência de sua vida. As pessoas pregam por sua vida, não por suas palavras e os sermões são entregues não tanto do púlpito, mas em disposição, ações e mil e um incidentes que enchem a vida diária.

É claro que a oração de arrependimento é aceitável a Deus. Ele tem prazer em ouvir os clamores de pecadores penitentes. Mas o arrependimento envolve não somente tristeza pelo pecado, mas o afastamento do mau comportamento e a prática do bem. Um arrependimento que não produz uma mudança de caráter e conduta é uma mera fraude que não engana ninguém. As coisas velhas devem passar e todas as coisas devem se tornar novas.

A oração que não resulta em um pensar correto e em um viver correto é uma farsa. Perdemos toda a função da oração se ela não purificar o caráter e retificar a conduta. Falhamos totalmente em apreender a virtude da oração se ela não produzir uma revolução na vida. Pela própria natureza das coisas, devemos abandonar a oração ou nossa má conduta. A oração fria e formal pode existir lado a lado com a má conduta, mas essa oração, aos olhos de Deus, não é oração. Nossa oração cresce em poder somente na medida em

que retifica a vida. Crescer em pureza e devoção a Deus produz uma vida mais piedosa.

O caráter da vida interior é uma condição para a oração eficaz. Assim como é a vida, assim será a oração. Uma vida inconsistente obstrui a oração e neutraliza o que a pequena oração pode fazer. Sempre é a súplica do justo que pode muito em seus efeitos. Aliás, pode-se ir além e afirmar que é somente a oração do justo que pode qualquer coisa – em qualquer tempo. Manter o foco na glória de Deus; ser possuído por um desejo sincero de agradá-lo em todos os nossos caminhos; possuir as mãos ocupadas em seu serviço; ter os pés rápidos no caminho de seus mandamentos – isso dá peso, influência e poder e assegura a atenção de Deus. O pesadelo de nossa vida geralmente quebra a força de nossa oração e, não raramente, é como uma porta de bronze em face da oração.

A oração deve provir de um coração purificado e ser apresentada e realçada com o o levantar de mãos santas.
Ela deve ser fortalecida por uma vida que procura, incessantemente, obedecer a Deus, ter conformidade com a lei divina e submeter-se à vontade de Deus. Não deve ser esquecido que, ao mesmo tempo em que a vida é uma condição para a oração, a oração também é uma condição para a vida justa.

A oração promove a vida justa e é uma grande ajuda para aprumar o coração e a vida. O fruto da verdadeira oração é uma vida reta. A oração incumbe aquele que ora de desenvolver “a salvação com temor e tremor” (Fp 2.12); coloca-o vigiando seu temperamento, suas conversas e sua conduta; faz com que ele ande “remindo o tempo” (Ef 5.16); capacita-o a andar “de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão” (Ef 4.1, 2); dá-lhe um grande incentivo a buscar sua peregrinação consistentemente desviando-se de todo mau caminho e andando no bom.

Oração e obediência

“Uma obediência foi descoberta em Fletcher de Madeley, que desejo poder descrever ou imitar. Ela produziu nele uma mente pronta a abraçar cada cruz com vivacidade e prazer. Ele tinha um amor singular pelos cordeiros do rebanho e se aplicou com a maior diligência à sua instrução, pois tinha um dom peculiar... toda a sua relação comigo foi tão misturada com oração e louvor que cada trabalho e cada refeição, por assim dizer, ficava perfumado com isso” – JOHN WESLEY.

SOB a lei mosaica, a obediência era vista como sendo “melhor do que sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros” (1Sm 15.22). Em Deuteronômio 5.29, Moisés representa o Deus Todo-poderoso declarando-se a respeito desta qualidade de um modo que não deixa dúvida quanto a importância de seu exercício. Referindo-se à teimosia de seu povo, ele diz:“Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre”. (Dt 5.29)

Inquestionavelmente, a obediência é uma grande virtude, uma qualidade nobre. À obediência pertence, preeminentemente, a nobreza. Esta é a primeira e a última lição, e precisamos aprender como praticá-la em todo o tempo, sem questionar, humildemente. A obediência, além disso, é a fé em ação e o resultado do próprio teste de amor. “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama” (Jo 14.21).

Além disso, a obediência é o conservante e a vida do amor:“Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço”. (Jo 15.10)

Que maravilhosa afirmação sobre a relação criada e mantida pela obediência! O Filho de Deus é mantido no amor do Pai em virtude de sua obediência! E o fator que capacita o Filho de Deus a permanecer sempre no amor de seu Pai é revelado em sua própria afirmação: “Eu faço sempre o que lhe agrada” (Jo

8.29).

O dom do Espírito Santo em medida completa e em rica experiência depende da obediência amorosa:“Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco”. (Jo 14.16)

A obediência a Deus é uma condição de frugalidade espiritual, satisfação interior, estabilidade de coração. “Se quiserdes e me ouvirdes, comereis o melhor desta terra” (Is 1.19). A obediência abre os portões da Cidade Santa e dá acesso à árvore da vida.

“Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras (no sangue do Cordeiro), para que lhes assista o direito à árvore da vida e entrem na cidade pelas portas”. (Ap 22.14)

O que é obediência? É fazer a vontade de Deus, é cumprir seus mandamentos. A observância de quantos mandamentos constitui obediência? Cumprir metade e quebrar a outra metade – isso é obediência verdadeira? Sobre este ponto, o apóstolo Tiago é muito explícito: “Qualquer que guarda toda a lei”, ele declara, “mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos” (Tg 2.10). O espírito que leva uma pessoa a quebrar um mandamento é o mesmo que pode levá-la a quebrar todos. Os mandamentos de Deus são uma unidade e quebrar um atinge, em princípio, aquilo que serve de base e permeia todos. Aquele que não hesita em quebrar um só mandamento – é mais que provável – sob a mesma pressão e rodeado pelas mesmas circunstâncias, quebraria todos.

A obediência universal da raça é requerida. Nada menos que obediência implícita satisfará a Deus e o cumprimento de todos os seus mandamentos é a demonstração do que Deus requer. Mas podemos cumprir todos os mandamentos de Deus? Uma pessoa pode receber habilidade moral que a capacite a obedecer a cada um deles? Certamente que sim. Por meio de cada prova, a pessoa pode, pela oração, obter a capacidade de fazer exatamente isso.

Deus dá mandamentos que as pessoas não conseguem obedecer? Ele é tão arbitrário, tão severo, tão desamoroso a ponto de dar mandamentos que não

podem ser obedecidos? A resposta é que, em todos os anais da Sagrada Escritura, nem um só exemplo é registrado de Deus tendo ordenado que alguém fizesse alguma coisa que estivesse além de sua capacidade. Deus é tão injusto e tão inconsiderado que requer do ser humano aquilo que ele é incapaz de fazer? Certamente que não. Pressupor isso é caluniar o caráter de Deus.

Ponderemos isso por um momento. Pais terrenos requerem de seus filhos deveres que eles não conseguem realizar? Onde está o pai que se pensaria ser tão injusto e tão tirano? Deus é menos bondoso e justo que pais terrenos imperfeitos? Eles são melhores e mais justos que um Deus perfeito? Que pensamento mais tolo e insustentável!

Em princípio, a obediência a Deus é da mesma qualidade que a obediência a pais terrenos. Ela implica, em efeito geral, em uma pessoa abandonar seu próprio caminho e seguir o de outra; a submissão da própria vontade à vontade de outra pessoa; a submissão de si mesma à autoridade e ás exigências dos pais. Os mandamentos, tanto do nosso Pai celestial quanto do nosso pai terreno, são direcionados pelo amor e todos têm em vista os melhores interesses daqueles que os recebem. Os mandamentos de Deus não são dados em severidade nem em tirania. São sempre dados em amor e em nosso proveito, por isso nos convém atendê-los e obedecê-los. Em outras palavras, e avaliando-a em seu valor mais baixo – Deus, tendo nos dado seus mandamentos para promover o nosso bem, deve ser obedecido. A obediência traz sua própria recompensa. Deus ordenou que assim fosse e, desde então, toda a razão humana pode perceber que ele nunca ordenou aquilo que não temos poder de realizar.

Obediência é o amor cumprindo cada mandamento, é o amor se expressando. A obediência, portanto, não é uma exigência dura colocada sobre nós, algo mais que o trabalho que um marido realiza por sua esposa ou que uma esposa realiza em favor de seu marido. O amor tem prazer em obedecer e agradar à pessoa amada. Não há apuros no amor. Pode haver cobranças, mas não fastio. Não há tarefas impossíveis ao amor.

Com que simplicidade e com que trivialidade o apóstolo João diz: “Aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável” (1Jo 3.22).

Isto é obediência, colocando-se à frente de todo e qualquer mandamento, é o amor, obedecendo por antecipação. Erram muito e até pecam aqueles que declaram que as pessoas são obrigadas a cometer iniquidade por causa do ambiente ou de hereditariedade ou de tendência. Os mandamentos de Deus não são penosos. Seus caminhos sempre são caminhos de deleite e suas veredas são paz. A tarefa da obediência não é uma tarefa árdua. “O meu jugo é suave, e o meu fardo é leve” (Mt 11.30). Longe esteja de nosso Pai celestial requerer impossibilidades de seus filhos. É possível agradá-lo em todas as coisas porque não é difícil agradá-lo. Ele não é nem um mestre severo nem um senhor austero, “que tira o que não pôs e ceifa o que não semeou” (Lc 19.22). Graças a Deus é possível, para cada um de seus filhos, agradar ao Pai celestial. Realmente é muito mais fácil agradá-lo que agradar às pessoas. Além disso, podemos saber quando o agradamos. Este é o testemunho do Espírito – a garantia divina, dada a todos os filhos de Deus, de que estão fazendo a vontade do Pai e de que seus caminhos são agradáveis aos seus olhos.

Os mandamentos de Deus são justos e estabelecidos em justiça e sabedoria. “Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom” (Rm 7.12). “Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações!” (Ap 15.3). Os mandamentos de Deus, então, podem ser obedecidos por todos aqueles que buscam as provisões da graça que os capacitem a obedecer. Esses mandamentos devem ser obedecidos. O governo de Deus está em jogo. Os filhos de Deus têm a obrigação de obedecer-lhe. A desobediência não pode ser permitida. O espírito de rebelião é a própria essência do pecado, é repúdio à autoridade de Deus, o que Deus não pode tolerar. Ele nunca tolerou isso e uma declaração de sua atitude foi parte da razão pela qual o Filho do Altíssimo se manifestou entre os homens:“Porquanto o que for a impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito”. (Rm 8.3, 4)

Se alguém reclamar que a humanidade, depois da Queda, é fraca demais e não tem esperança de obedecer a esses elevados mandamentos de Deus, a resposta é que, pela expiação de Cristo, o ser humano é capacitado a

obedecer. A expiação é o ato capacitador de Deus. Aquilo que Deus realiza em nós, na regeneração e por meio da ação do Espírito Santo, concede graça capacitadora suficiente para tudo o que é exigido de nós, sob a expiação. Esta graça é oferecida sem medida, em resposta à oração. Assim, ao mesmo tempo que Deus ordena, ele garante nos dar toda a força de vontade e graça necessárias para cumprir seus mandamentos. Sendo isto verdade, o ser humano não tem desculpa para sua desobediência e é eminentemente censurável por recusar ou falhar em assegurar a graça necessária por meio da qual possa servir ao Senhor com reverência e com temor piedoso.

Há uma importante consideração que aqueles que declaram ser impossível cumprir os mandamentos de Deus estranhamente negligenciam, que é a verdade vital que declara que, pela oração e pela fé, a natureza humana é mudada e se torna participante da natureza divina; que é retirada dele toda relutância em obedecer a Deus e que sua incapacidade natural para cumprir os mandamentos de Deus, desenvolvendo-se a partir de seu estado caído e sem esperança, é gloriosamente removida. Por meio desta mudança radical que é realizada em sua natureza moral, o ser humano recebe poder para obedecer a Deus em cada caminho e para submeter-se a ele plena e alegremente. Então ele pode dizer: “Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu” (Sl 40.8). Não apenas a rebelião própria do homem natural é removida, mas também um coração que alegremente obedece à Palavra de Deus é alegremente recebido. Se for alegado que a pessoa não regenerada, com todas as incapacidades da Queda pesando sobre ela, não consegue obedecer a Deus, não haverá negação. No entanto, declarar que, depois que a pessoa é renovada pelo Espírito Santo, recebeu uma nova natureza e se tornou filha do Rei não consegue obedecer a Deus é assumir uma atitude ridícula e revelar, além disso, uma lamentável ignorância da obra e das implicações da expiação.

A obediência implícita e perfeita é o estado ao qual a pessoa de oração é chamada. Levantar “mãos santas, sem ira e sem animosidade” é a condição para a oração obediente. Aqui, a fidelidade e o amor internos, juntamente com a pureza externa, são colocados como concomitantes da oração aceitável a Deus.

João dá a razão para orações não respondidas na passagem citada

anteriormente: “Aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável”. Vendo que o cumprimento dos mandamentos de Deus é, aqui, apresentado como a razão pela qual ele responder a oração, pode-se presumir, razoavelmente, que podemos cumprir os mandamentos de Deus, podemos fazer coisas que lhe são agradáveis. Pense bem, Deus faria do cumprimento de seus mandamentos uma condição para a oração eficaz se soubesse que não conseguimos cumprir seus estatutos? Certamente que não!

A obediência pode pedir com ousadia junto ao trono da graça e aqueles que a exercitam são os únicos que podem pedir desse modo. As pessoas desobedientes são tímidas em sua abordagem e hesitantes em suas súplicas. Elas ficam presas em razão de seu mau comportamento.

O filho que pede, mas é obediente, vem á presença de seu pai com confiança e ousadia. Sua própria consciência de obediência lhe dá coragem e o livra do temor nascido da desobediência. Fazer a vontade de Deus sem objeções é a alegria e o privilégio da pessoa que ora e é atendida. Quem tem mãos limpas e coração puro é que pode orar com confiança. No Sermão do Monte, Jesus disse: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”. (Mt 7.21)

A esta grande palavra pode ser acrescentada uma outra: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço”. (Jo 15.10)

“A ocupação cristã”, diz Lutero, “é a oração”. Mas o cristão tem uma outra ocupação para aprender, antes que passe a aprender os segredos da ocupação da oração. Ele deve aprender bem a ocupação da perfeita obediência à vontade do Pai. A obediência segue o amor e a oração segue a obediência. O tema da verdadeira observância dos mandamentos de Deus acompanha inseparavelmente o tema da oração verdadeira.

Aquele que tem sido desobediente pode orar. Ele pode orar pela misericórdia perdoadora e pela paz de sua alma. Ele pode ir ao escabelo de Deus com lágrimas, com confissão, com coração penitente e Deus o ouvirá e responderá sua oração. Mas esse tipo de oração não pertence ao filho de Deus, mas ao

pecador penitente, que não tem outro caminho para se aproximar de Deus. É a posse da alma não justificada, não daquele que foi salvo e reconciliado com Deus.

Uma vida obediente ajuda a orar. Ela acelera a oração em direção ao trono. Deus não pode ouvir a oração de um filho desobediente. Ele sempre ouve seus filhos obedientes quando oram. A obediência inquestionável conta muito aos olhos de Deus, diante do trono da graça celestial. Ela age como as correntes confluentes de muitos rios e dá volume e plenitude de fluxo e poder ao quarto de oração. Uma vida obediente não é simplesmente uma vida reformada. Não é a vida antiga aparelhada e pintada novamente nem uma vida eclesiástica, nem uma boa aparência de atividades. Também não é uma conformação externa aos ditames da moralidade pública. Muito mais do que tudo isso está combinado na vida verdadeiramente cristã e temente a Deus.

Uma vida cheia de obediência; uma vida firme nos mais íntimos termos com Deus, na qual a vontade humana está em conformidade com a vontade de Deus, na qual a vida exterior mostra o fruto de justiça – esta vida não oferece obstáculo à oração, mas, em vez disso, como Aarão e Hur, levanta e sustenta as mãos para a oração.

Se você tem um desejo sincero de orar bem, você deve aprender a obedecer bem. Se você tem o desejo de aprender a orar, então você deve ter o desejo sincero de aprender a fazer a vontade de Deus. Se você deseja orar a Deus, você deve, primeiro, ter um desejo consumidor de obedecer-lhe. Se você quer ter livre acesso a Deus em oração, então cada obstáculo colocado pelo pecado ou pela desobediência em sua natureza deve ser removido. Deus tem prazer nas orações de filhos obedientes.

Pedidos que vêm dos lábios daqueles cujo prazer é fazer a vontade de Deus alcançam seus ouvidos com grande rapidez e o inclinam a respondê-los com prontidão e abundância. Em si mesmas, as lágrimas não são meritórias. No entanto, elas têm sua utilidade na oração. As lágrimas devem batizar nosso lugar de súplica. Aquele que nunca chorou por causa de seus pecados nunca realmente orou por eles. As lágrimas, às vezes, são o único argumento da pessoa arrependida. Mas as lágrimas são para o passado, para o pecado e o mau comportamento. Há um outro passo que precisa ser dado, um outro estágio a ser alcançado, a saber, o da obediência inquestionável e, até que seja

dado, a oração por bênção e sustento contínuo não terá proveito.

Em toda parte, na Sagrada Escritura, Deus é representado como desaprovando a desobediência e condenando o pecado e isso é verdade tanto na vida de seus eleitos quanto na dos pecadores. Em lugar nenhum ele tolera o pecado ou justifica a desobediência. Deus sempre coloca ênfase na obediência aos seus mandamentos. A obediência a eles traz bênção; a desobediência traz desgraça. Isso é verdade, na Palavra de Deus, do início ao fim. É por causa disso que a pessoa de oração, na Sagrada Escritura, tem tanta influência com Deus. As pessoas obedientes sempre estão mais próximas de Deus. São essas que oram bem e recebem grandes coisas de Deus, que alcançam grandes resultados.

A obediência a Deus conta muito no campo da oração. Este fato nunca será enfatizado demasiadamente. Defender uma fé religiosa que tolera o pecado é tirar o chão de debaixo dos pés da oração eficaz. Justificar o pecado com a alegação de que a obediência a Deus é impossível às pessoas não regeneradas é desconsiderar o caráter do novo nascimento e colocar as pessoas onde a oração eficaz não é possível. Em certa ocasião, Jesus fez uma pergunta muito pertinente e pessoal, atingindo diretamente o núcleo da desobediência, quando disse: “Por que me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (Lc 6.46).

Aquele que ora deve obedecer. Aquele que quer receber alguma coisa em suas orações deve estar em perfeita harmonia com Deus. A oração coloca naqueles que oram sinceramente um espírito de obediência, pois o espírito de desobediência não é de Deus e não pertence à multidão de orações de Deus.

Uma vida obediente é uma grande ajuda à oração. Aliás, uma vida obediente é uma necessidade ao tipo de oração que realiza coisas. A ausência de uma vida obediente faz da oração uma performance vazia, um mero erro de nome. Um pecador arrependido busca perdão e salvação e tem uma resposta ás suas orações até mesmo com uma vida manchada e corrompida pelo pecado. Mas os verdadeiros intercessores de Deus comparecem diante dele com vidas reais. O viver santo promove a oração santa. Os intercessores de Deus “levantam mãos santas”, símbolos de vidas justas e obedientes.

“Conheci muitos homens exemplares, santos no coração e na vida, em meus

oitenta anos. Mas igual a John Fletcher – um homem tão interna e externamente obediente e dedicado a Deus – não conheci” – JOHN WESLEY.

É DIGNO de nota que a oração à qual esta posição transcendente é dada e da qual grandes resultados são atribuíveis não é simplesmente a pronúncia de orações, mas a oração santa. É a “oração dos santos”, a oração dos filhos piedosos de Deus. Por trás dessa oração, dando-lhe energia e fogo, estão homens e mulheres que são totalmente dedicados a Deus, que são inteiramente separados do pecado e plenamente separados para Deus. Estas são as pessoas que sempre dão energia e força à oração.
Nosso Senhor Jesus Cristo era preeminente em oração porque era preeminente em santidade. Uma dedicação total a Deus, uma entrega total que leva consigo todo o ser em uma chama de santa consagração – tudo isso dá asas à fé e energia à oração. Isso abre a porta ao trono da graça e exerce forte influência sobre o Deus Todo-poderoso.
“Levantar mãos santas” é essencial à oração cristã. Não é, porém, somente a santidade que dedica um quartinho para Deus, que separa meramente uma hora para ele, mas uma consagração que abrange a pessoa inteira, que dedica a vida toda a Deus.

Nosso Senhor Jesus Cristo, “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores” (Hb 7.26), tinha total liberdade para se aproximar e livre acesso a Deus em oração. E ele tinha esse livre e pleno acesso a Deus por causa de sua obediência inquestionável a seu Pai. Ao longo de toda a sua vida terrena, seu supremo cuidado e seu desejo era fazer a vontade de seu Pai. E este fato, juntamente com outro – a consciência de ter ordenado assim sua vida – lhe dava confiança e segurança que o capacitavam a se aproximar do trono da graça com confiança irrestrita, nascida da obediência, e encontrar aceitação, atenção e resposta.

A obediência amorosa nos coloca onde podemos pedir em seu nome com a certeza de que seremos atendidos. A obediência amorosa nos coloca no campo da oração e nos torna beneficiários da abundância de Cristo e das riquezas de sua graça, por meio da vinda do Espírito Santo, que habita em nós e está em nós. A obediência animada a Deus nos qualifica a orar efetivamente.

Esta obediência que não somente qualifica, mas precede a oração, deve ser amorosa, constante, fazendo sempre a vontade do Pai e seguindo alegremente o caminho dos mandamentos de Deus.

No caso do rei Ezequias, ela foi um argumento poderoso que mudou o decreto de Deus de que ele morreria e não viveria. O moribundo governante clamou a Deus para lembrar que havia andado diante dele em verdade e com coração perfeito. Isso contou para Deus. Ele ouviu a petição e, como resultado, a morte não se aproximou de Ezequias por quinze anos.
Jesus aprendeu a obediência na escola do sofrimento e, ao mesmo tempo, aprendeu a oração na escola da obediência. Assim como é a oração do justo que pode muito em seus efeitos, assim também é a justiça que é obediência a Deus. uma pessoa justa é uma pessoa obediente e é obediente quem pode orar eficazmente, quem pode realizar grandes coisas quando se coloca de joelhos.

A verdadeira oração, deve ser lembrado, não é mero sentimento, nem poesia, nem fala eloquente. Ela também não consiste em dizer em cadências melosas: “Senhor, Senhor!”. A oração não é uma mera forma de palavras e não é apenas o recurso a um Nome. Oração é obediência. Ela é encontrada em uma rocha adamantina de obediência a Deus. Somente aqueles que obedecem têm direito de orar. Por trás da oração deve estar o fazer e é o fazer constante da vontade de Deus na vida diária que dá à oração seu poder, como nosso Senhor ensinou claramente: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos ceus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”. (Mt 7.21-23)

Nenhum nome, por mais precioso e poderoso que seja, pode proteger e dar eficácia à oração que não seja acompanhada pela prática da vontade de Deus. Também não pode essa prática, sem a oração, proteger da reprovação divina. Se a vontade de Deus não controlar a vida, a oração não será nada além de sentimento doentio. Se a oração não inspirar, santificar e dirigir nossa obra, então a vontade própria entra e arruína a obra e quem a realiza.

Quão grandes e variadas são as concepções errôneas dos verdadeiros elementos e funções da oração! Há muitos que desejam honestamente obter uma resposta para suas orações, mas que seguem sem recompensa e sem bênção. Eles se concentram em alguma promessa de Deus e se esforçam, por meio de perseverança obstinada, para reunir fé suficiente obtê-la e a reivindicam. Esta fixação da mente em uma grande promessa pode ser proveitosa para fortalecer a fé, mas, para se alcançar a promessa deve ser acrescentada a oração persistente e insistente que espera até que a fé cresça sobremaneira. E quem é capaz e competente para fazer essa oração a não ser aquele que pronta, alegre e continuamente obedece a Deus?
A fé, em sua forma mais elevada, é a atitude e o ato de uma alma entregue a Deus, em que habitam sua Palavra e seu Espírito.

É verdade que a fé deve existir de uma forma ou outra para estimular a oração, mas, em sua forma mais forte e em seus maiores resultados, é fé é fruto da oração. Essa fé aumenta a capacidade e a eficácia da oração, é verdade, mas, da mesma forma, é verdade que a oração aumenta a capacidade e a eficiência da fé. Oração e fé trabalham, agem e reagem uma sobre a outra.

A obediência a Deus ajuda a fé como nenhuma outra qualidade provavelmente pode ajudar. Quando a obediência é um reconhecimento implícito da validade e da supremacia dos mandamentos de Deus, a fé deixa de ser quase uma tarefa sobre humana. Ela deixa de requerer esforço para ser exercida.

A obediência a Deus torna fácil crer e confiar em Deus. Onde o espírito de obediência impregna completamente a alma; onde a vontade é perfeitamente entregue a Deus; onde há um propósito firme e inalterável de obedecer a Deus, a fé quase crê por si mesma. A fé, então, torna-se quase involuntária. Depois da obediência ela é, naturalmente, o próximo passo e esse passo é facilmente dado. A dificuldade, na oração, não é com a fé, mas com a obediência, que é o fundamento da fé.
Devemos atentar bem para nossa obediência, para as fontes secretas da ação, para a lealdade de nosso coração a Deus, para que possamos orar bem e desejar alcançar o melhor resultado de nossa oração. A obediência é o fundamento da oração eficaz. É ela que nos leva para junto de Deus.

A falta de obediência em nossa vida faz falhar nossa oração. Muito frequentemente, a vida está em revolta e isso nos coloca onde a oração é quase impossível, a não ser a oração pela misericórdia perdoadora. A vida desobediente produz orações pouco poderosas. A desobediência fecha a porta para a sala do trono e obstrui o caminho para o Santo dos Santos. Ninguém pode orar – orar de verdade – se não obedecer.

A vontade deve ser entregue a Deus como condição primária de toda oração bem-sucedida. Tudo ao nosso redor recebe suas cores de nosso caráter. A vontade secreta forma o caráter e controla a conduta. A vontade, portanto, desempenha um papel importante em toda oração bem-sucedida. Não pode haver oração em sua implicação mais rica e em verdadeiro sentido onde a vontade não é total e completamente entregue a Deus. Essa lealdade inabalável a Deus é uma condição totalmente indispensável para a melhor, mais verdadeira e mais eficaz oração. Temos “simplesmente que confiar e obedecer; não há outro modo de sermos felizes em Jesus – a não ser confiar e obedecer”.

Oração e vigilância

“David Brainerd foi perseguido por adversários sinistros, que estavam decididos a privá-lo de seu galardão. Ele sabia que nunca devia abandonar sua armadura, mas deitar para descansar com seu corselete amarrado. As manchas que afetaram a perfeição de sua veste brilhante, os borrões de ferrugem em seu escudo cintilante são imperceptíveis a nós, mas foram, para ele, fonte de muita tristeza e desejo ardente” – LIFE OF DAVID BRAINERD.

A DESCRIÇÃO do soldado cristão dada por Paulo em Efésios 6 é compacta e abrangente. Ele é descrito como estando sempre no conflito, que tem muitos períodos flutuantes – períodos de prosperidade e adversidade, luz e trevas, vitória e derrota. Ele deve orar em todos os períodos e, com toda oração, deve ser acrescentada a armadura, com a qual ele deve se apresentar para a batalha. Em todos os momentos, ele deve ter toda a panóplia de oração. O soldado cristão, se quiser lutar para vencer, deve orar muito. Somente assim ele é capacitado a derrotar seu inimigo inveterado, o diabo, juntamente os múltiplços emissários do mal. “Com toda oração e súplica, orando em todo o tempo” (Ef 6.18) é a orientação de Deus para ele. Isso abrange todos os períodos e todos os modos de orar.

Os soldados cristãos, combatendo o bom combate da fé, têm acesso a um lugar de refúgio ao qual continuamente se dirigem para orar. “Com toda oração e súplica, orando em todo o tempo” (Ef 6.18) é uma clara afirmação da necessidade imperativa de muita oração e de muitos tipos de oração por aquele que, combatendo o bom combate da fé, vencerá, por fim, todos os seus inimigos. A Versão Revisada diz assim:“Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos e também por mim; para que me seja dada, no abrir da minha boca, a palavra, para, com intrepidez, fazer conhecido o mistério do evangelho, pelo qual sou embaixador em cadeias”. (Ef 6.18-20)

Não se pode afirma muito frequentemente que a vida de um cristão é uma guerra, um conflito intenso, uma batalha de uma vida inteira. Além disso, é

uma batalha travada contra inimigos invisíveis que estão sempre em alerta e sempre procurando armar ciladas, enganar e arruinar a alma das pessoas. A vida à qual a Sagrada Escritura chama as pessoas não é um piquenique ou uma festa. Também não é um passatempo nem um passeio prazeroso. Ela requer esforço, luta, labuta; ela requer o emprego de toda a energia espiritual para frustrar o inimigo e se tornar, no fim, mais que vencedor. Não é o caminho da vida prazenteira, nem da folgança com cheiro de rosas. Do início ao fim, é guerra. Desde o momento em que saca sua espada pela primeira vez até o momento em que tira a armadura, o guerreiro cristão é compelido a participar "dos meus sofrimentos, como bom soldado" (2Tm 2.3) Que conceito errado muitas pessoas têm da vida cristã! Quão poucos membros medianos da igreja parecem conhecer o caráter do conflito e o que isso requer deles! Quão
ignorantes parecem ser dos inimigos que devem encontrar se estiverem engajados para servirem fielmente a Deus e chegarem ao céu e receberem a coroa da vida!
Eles parecem dificilmente perceber que o mundo, a carne e o diabo se oporão à sua marcha e os derrotará totalmente, a menos que se dediquem á constante vigilância e à oração incessante.

O soldado cristão não luta contra a carne e o sangue, mas contra a impiedade nos lugares celestiais. Ou, como a margem da Escritura diz, "contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes" (Ef 6.12). Que terrível quantidade de forças estão apontadas contra aquele que seguirá seu caminho pelo deserto deste mundo até os portais da cidade celestial! Não é surpresa, portanto, encontrar Paulo, que entendia tão bem o caráter da vida cristã e que era tão bem informado sobre a malignidade e o número dos inimigos que o discípulo do Senhor deve encontrar, cuidadosa e claramente estimulando-o a revestir-se "de toda a armadura de Deus" (Ef 6.10) e orar "com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito" (Ef 6.18).
Sábia, com grande sabedoria, seria a presente geração se todos os que professam nossa fé pudessem ser induzidos a perceber esta verdade tão importante e vital que é tão absolutamente indispensável a uma vida cristã bem-sucedida.

É exatamente neste ponto, em grande parte da profissão cristã de hoje, que se pode encontrar seu grande defeito. Há pouco ou nenhum elemento de guerra

nela. A disciplina, a autonegação, o espírito de sofrimento e determinação, tão proeminentes e pertencentes à vida militar, estão em falta. No entanto, a vida cristã é guerra, em todo o caminho.
Quão abrangentes, penetrantes e admiráveis são as orientações de Paulo ao soldado cristão, que é inclinado a opor-se ao diabo e manter viva sua alma! Antes de tudo, ele deve possuir uma ideia clara do caráter da vida na qual entrou. Depois, ele deve conhecer algo sobre seus inimigos – os adversários de sua alma imortal – sua força, sua habilidade, sua malignidade. Sabendo, portanto, algo do caráter do inimigo e percebendo a necessidade de preparação para vencê-lo, ele está preparado para ouvir a conclusão do apóstolo:
"Quanto ao mais, sede fortalecidos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para poderdes ficar firmes contra as astutas ciladas do diabo; porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, mas contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis". (Ef 6.10-13)

Todas essas orientações terminam em um clímax e esse clímax é a oração. Como pode o bravo guerreiro de Cristo se tornar ainda mais valente? Como pode o soldado forte se tornar ainda mais forte? Como pode o combatente vitorioso se tornar ainda mais vitorioso? Aqui as orientações explícitas de Paulo alcançam esse fim:
"Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isto vigiando com toda perseverança e súplica por todos os santos". (Ef 6.18)

Oração, e mais oração, aumenta as qualidades combativas e as mais certas vitórias dos bons guerreiros de Deus. O poder da oração é mais vigoroso no campo de batalha, em meio ao barulho e à peleja do conflito. Paulo era, preeminentemente, um soldado da cruz. Para ele, a vida não era um leito florido de tranquilidade. Ele não era um soldado de desfile, cuja única ocupação era vestir o uniforme em certas ocasiões. Sua vida foi de intenso conflito. Ele encarou muitos adversários, exercitou vigilância incansável e constante esforço. E, no fim – em vista do fim – o ouvimos entoando seu canto final de vitória, "combati o bom combate" (2 Tm 4.7). E, lendo nas entrelinhas, podemos ver que ele é mais que vencedor!

Em sua Epístola aos Romanos, Paulo indica a natureza de sua vida militar, dando-nos algumas opiniões do tipo de oração que precisamos para esta carreira. Ele escreve:“Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judeia”. (Rm 15.30, 31)

Paulo tinha inimigos na Judeia – inimigos que o atacavam e se opunham a ele na forma de “rebeldes” e isso, somado a outras razões importantes, o levou a convocar os cristãos de Roma a “que luteis juntamente comigo nas orações”. A palavra “luteis” indicava luta, o emprego de grande esforço. Esse é o tipo de esforço e esse é o tipo de espírito que o soldado cristão deve possuir.

Aqui está um grande soldado, um grande general, na grande batalha, enfrentado por forças malignas que procuram sua ruína. Sua força é usada bem de perto. Com que reforços ele pode contar? O que pode ajudar e trazer sucesso a um guerreiro em uma emergência como esta? Este é um momento crítico no conflito. Que força pode ser adicionada à energia de suas próprias orações? A resposta é – as orações de outras pessoas, inclusive as de seus irmãos de Roma. Esses irmãos, ele crê, lhe trarão ajuda adicional para que ele vença sua luta, supere seus adversários e, por fim, prevaleça.

O soldado cristão deve orar em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Sua oração deve ser organizada de modo a cobrir seus momentos de paz e suas horas de conflito ativo. Ela deve estar disponível em sua marcha e em sua luta. A oração deve propagar todo esforço, impregnar todas as aventuras, decidir todas as questões. O soldado cristão deve ser tão intenso em sua oração quanto em sua luta, pois suas vitórias dependem muito mais de sua oração que de sua luta. A súplica fervente deve suplementar a armadura de Deus. O Espírito Santo deve auxiliar a súplica com seus próprios apelos vigorosos. E o soldado deve orar no Espírito. Nesta, como em outras formas da guerra, a vigilância eterna é o preço da vitória e, assim, a vigilância e a perseverança persistente devem caracterizar cada atividade do guerreiro cristão.

O soldado que ora deve refletir seu profundo interesse no sucesso e no bem-

estar de todo o exército. A batalha de modo nenhum é um assunto pessoal. A vitória não pode ser alcançada por um soldado sozinho. Há um sentido em que todo o exército de Cristo está envolvido. A causa de Deus, seus santos, suas aflições e provações, seus deveres e suas cruzes, tudo isso deve encontrar uma voz e um intercessor no soldado cristão, quando ele ora. Ele não se atreve a limitar sua oração a si mesmo. Nada seca as substâncias espirituais tão certa e completamente; nada envenena a fonte da vida espiritual tão eficazmente; nada age de modo tão mortal quanto uma oração egoísta.

Observe cuidadosamente que a armadura do cristão não terá nenhum valor se a oração não for acrescentada. Ela é o eixo, o ponto de ligação da armadura de Deus. Ela mantém tudo junto e torna a armadura eficaz. O verdadeiro soldado de Deus planeja suas campanhas, organiza suas forças de batalha e conduz seus conflitos com oração. É muito importante e absolutamente essencial à vitória que a oração impregne de tal modo a vida que cada respiro seja uma petição, cada olhar seja uma súplica. O soldado cristão precisa estar sempre lutando. Ele deve, por completa necessidade, estar sempre orando.

O soldado cristão é compelido a realizar constantes tarefas temporárias. Ele deve estar sempre em guarda. Ele é enfrentado por um inimigo que nunca dorme, que está sempre alerta e sempre preparado para tirar vantagem dos imprevistos da guerra. A vigilância é um princípio cardeal para o guerreiro de Cristo. “Vigiai e orai” (Mt 26.41) sempre ressoa em seus ouvidos. Ele não pode se atrever a dormir no posto. Esse descuido não apenas o colocaria sob o desprazer do capitão de sua salvação, mas o exporia a um grande perigo. a vigilância, portanto, imperativamente constitui o dever do soldado do Senhor.

No Novo Testamento, há três palavras diferentes que são traduzidas como “vigiar”. A primeira significa “ausência de sono” e implica um estado de vigília da mente, em oposição à desatenção. É uma ordem para que o cristão se mantenha desperto, circunspecto, ativo, constante, vigilante. A segunda palavra significa “plenamente desperto” e refere-se a um estado induzido por um esforço estimulante, que desperta a atenção e o interesse, deixando a pessoa ativa e cautelosa, com receio de que, pela falta de cuidado ou indolência, alguma calamidade destrutiva a alcance repentinamente. A terceira palavra significa “estar calmo e sereno em espírito”, impassível,

insensível a influências sonolentas ou anuviantes, uma cautela contra todas as ciladas e ilusões.

As três definições são usadas por Paulo. Duas delas são empregadas com relação à oração. A vigilância intensa é um requisito da oração. A vigilância deve guardar e cobrir toda a pessoa e torná-la apta à oração. Tudo que lembra falta de preparo ou falta de vigilância é mortal para a oração.
Em Efésios, Paulo dá destaque ao dever de vigiar constantemente: “Com toda oração e súplica, orando em todo tempo no Espírito e para isso vigiando” (Ef 6.18). Vigiai, diz ele, vigiai, VIGIAI! “O que, porém, vos digo, digo a todos: Vigiai!” (Mc 13.37).

Vigilância insone é o preço que se deve pagar pela vitória sobre os inimigos espirituais. descanse certo de que o diabo nunca dorme. Ele está sempre andando “em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar” (1Pe 5.8). Assim como um pastor nunca deve se descuidar e deixar de vigiar para que o lobo não devore suas ovelhas, assim também o soldado cristão deve ter os olhos sempre abertos, demonstrando que possui um espírito que não cochila nem se descuida.
As companheiras inseparáveis e defesas da oração são vigilância, cautela e atenção. Ao escrever aos crentes de Colossos, Paulo une essas qualidades inseparáveis: “Perseverai em oração”, diz ele, “vigiando com ações de graças” (Cl 4.2). Quando os cristãos aprenderão mais completamente a dupla lição de que são chamados para uma grande guerra e que, para conseguirem a vitória, devem se dedicar a cuidadosa vigilância e oração incessante?

“Sede sóbrios e vigilantes. O diabo, vosso adversário, anda em derredor, como leão que ruge procurando alguém para devorar”. (1Pe 5.8)
A igreja de Deus é um exército. Sua guerra é contra as forças invisíveis do mal. O povo de Deus compõe um exército que luta para estabelecer seu reino na terra. Seu objetivo é destruir a soberania de satanás e, sobre suas ruínas, erigir o Reino de Deus, que é “justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Rm 14.17).
Este exército é composto de soldados individuais da cruz e a armadura de Deus é necessária para sua defesa. A oração deve ser acrescentada como aquilo que coroa o todo.

Fique, então, em Seu grande poder;
Dotado com toda a Sua força;
Mas tome, para armá-lo para a batalha,
A armadura de Deus.

A oração é um dever simples demais, evidente demais para precisar de definição. A necessidade dá corpo e forma à oração. Sua importância é tão absoluta que a vida do soldado cristão, em toda a sua amplidão e intensidade, deve ser uma oração. Toda a vida de um soldado cristão – sua existência, intenção, implicação e ação – depende de ela ser uma vida de oração. Sem oração – não importa o que mais ele tenha – a vida do soldado cristão será fraca e ineficaz e fará dele uma presa fácil para seus inimigos espirituais.

A experiência cristã será sem vigor e a influência cristã será seca e árida a menos que a oração tenha um lugar de destaque na vida. Sem oração, as graças cristãs murcham e morrem. Sem oração, podemos acrescentar, a pregação é uma coisa obtusa e vã e o evangelho perde suas asas e sua força. Cristo é o legislador da oração e Paulo é o apóstolo da oração.
Ambos declaram sua primazia e importância e demonstram o fato de sua indispensabilidade. Suas orientações sobre a oração cobrem todos os lugares, incluem todos os momentos e abrangem todas as coisas. Como, então, o soldado cristão pode sonhar com a vitória se não estiver fortalecido pelo poder da oração? Como ele pode falhar se, além de se revestir com a armadura de Deus, ele estiver, em todos os momentos e períodos, vigiando e orando?

Oração e a Palavra de Deus

“Com que frequência, na Escritura, encontramos palavras como ‘campo’, ‘semente’, ‘semeador’, ‘ceifeiro’, ‘tempo de plantio’ e ‘tempo de colheita’! o emprego dessas metáforas interpreta um fato da natureza como uma parábola da graça. O campo é o mundo e a boa semente é a Palavra de Deus. Quer a Palavra seja falada ou escrita, ela é o poder de Deus para a salvação. Em nosso trabalho de evangelismo, todo o mundo é nosso campo e cada criatura é objeto de esforço e cada livro e tratado, uma semente de Deus” – DAVID FANT, JR.

A PALAVRA de Deus é um registro de oração – de pessoas de oração e suas realizações, da garantia divina para a oração e do encorajamento dado àqueles que oram. Ninguém pode ler os casos, mandamentos, exemplos e afirmações multiformes que se referem à oração sem perceber que a causa de Deus e o sucesso de sua obra neste mundo estão ligados à oração; que pessoas de oração são os vice-regentes de Deus sobre a terra; que pessoas que não oram nunca foram usadas por ele.

Uma reverência pelo santo Nome de Deus está estreitamente relacionada a uma alta estima por sua Palavra. Esta reverência pelo seu Nome; a capacidade de fazer sua vontade sobre a terra, como é feita no céu; e o estabelecimento e a glória do reino de Deus estão de tal modo envolvidos na oração como quando Jesus ensinou sua Oração Dominical. Que as pessoas devem “orar sempre e nunca esmorecer” é tão fundamental à causa de Deus hoje quanto quando Jesus Cristo preservou essa grande verdade nas molduras imortais da parábola do juiz iníquo.

Assim como a casa de Deus é chamada de “casa de oração” porque a oração é o mais importante de seus ofícios, assim também, pelo mesmo motivo, a Bíblia pode ser chamada de Livro de Oração. A oração é o grande tema e conteúdo de sua mensagem á humanidade.

A Palavra de Deus é a base e o diretório da oração de fé. “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo; instruí-vos e aconselhai-vos mutuamente, em

toda a sabedoria", diz Paulo, "louvando a Deus, com salmos, e hinos, e cânticos espirituais, com gratidão, em vosso coração" (Cl 3.16). Quando esta palavra de Cristo que habita ricamente em nós é transmutada e assimilada, ela resulta em oração. A fé é construída pela Palavra e pelo Espírito e a fé é o corpo e a substância da oração.

Em muitos de seus aspectos, a oração é dependente da Palavra de Deus. Jesus diz:"Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito". (Jo 15.7)

A Palavra de Deus é o fulcro sobre o qual o nível da oração é colocado e pelo qual as coisas são poderosamente movidas. Deus comprometeu a si mesmo, seu propósito e sua promessa com a oração. Sua Palavra se torna a inspiração de nossa oração e há circunstâncias sob as quais, por meio de oração insistente, podemos obter um acréscimo ou um aumento de suas promessas.

Afirma-se sobre os santos do Antigo Testamento que "por meio da fé... obtiveram promessas". Parece haver na oração a capacidade de até mesmo além da Palavra, de ir até mesmo além da promessa, para a própria presença de Deus.

Jacó lutou não tanto com a promessa, mas com quem a fez. Devemos atentar para quem fez a promessa, para que ela não seja em vão. A oração bem pode ser definida como a força que vitaliza e energiza a Palavra de Deus, apegando-se ao próprio Deus. Apegando-se a quem fez a promessa, a oração reedita a promessa e faz com que ela se torne pessoal. "Já ninguém há que invoque o teu nome", é o triste lamento de Deus. "Que homens se apoderem da minha força e façam paz comigo; sim, que façam paz comigo" (Is 27.5) é a receita de Deus para a oração.

A Escritura autoriza a divisão da oração em oração de petição de fé e oração de submissão. A oração de fé é baseada na Palavra escrita, pois "a fé vem pela pregação, e a pregação, pela Palavra de Cristo" (Rm 10.17). Ela recebe sua resposta, inevitavelmente – exatamente aquilo pelo que é feita.

A oração de submissão não tem uma palavra de promessa específica, por assim dizer, mas se apega a Deus com um espírito humilde e contrito e pede e

argumenta diante de Deus por aquilo que a alma deseja. Abraão não tinha uma promessa específica de que Deus pouparia Sodoma. Moisés não tinha uma promessa específica de que Deus pouparia Israel. Pelo contrário, havia a declaração de sua ira e de seu propósito de destruí-lo. Porém, o dedicado líder venceu sua disputa com Deus, quando intercedeu pelos israelitas com orações incessantes e muitas lágrimas. Daniel não tinha uma promessa específica de que Deus lhe revelaria o sonho do rei, mas orou especificamente e Deus respondeu especificamente.
A Palavra de Deus se torna eficaz e operante pelo processo e pela prática da oração. A Palavra do Senhor veio a Elias: “Vai, apresenta-te a Acabe, porque darei chuva sobre a terra” (1Rs 18.1). Elias se mostrou a Acabe, mas a resposta à sua oração não veio até que ele apresentou sua oração ardente ao Senhor sete vezes.

Paulo tinha a promessa específica de Cristo de que ele o livraria “do povo e dos gentios” (At 26.17), mas o encontramos exortando os romanos de modo urgente e solene a respeito deste mesmo assunto:“Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judeia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos”. (Rm 15.30, 31)

A Palavra de Deus é uma grande ajuda em oração. Se estivesse alojada e escrita em nossos corações, ela formaria um fluxo de oração, pleno e irresistível. As promessas, estocadas no coração, devem ser o combustível do qual a oração recebe lida e calor, assim como o carvão, estocado na terra, ministra para nosso conforto em dias chuvosos e noites frias. A Palavra de Deus é o alimento pelo qual a oração é nutrida e fortalecida. A oração, assim como o ser humano, não consegue viver comendo apenas pão, “mas de tudo que procede da boca do Senhor” (Dt 8.3).

A menos que forças vitais de oração sejam suplicadas pela Palavra de Deus, a oração, embora sincera, até barulhenta, em sua urgência, é, na realidade, débil, insípida e vazia. A ausência de força vital na oração pode ser atribuída à ausência de um suprimento constante da Palavra de Deus para reparar a perda e renovar a vida. Aquele que quer aprender a orar bem deve, primeiro, estudar a Palavra de Deus e estocá-la em sua memória e em seu coração.

Quando consultamos a Palavra de Deus, descobrimos que nenhum dever é mais comprometedor, mais exigente que a oração. Por outro lado, descobrimos que nenhum privilégio é mais exaltado, nenhum hábito é mais ricamente reconhecido por Deus. Não há promessas mais radiantes, mais abundantes, mais explícitas, mais frequentemente reiteradas que aquelas que estão ligadas à oração. “Tudo quanto pedirdes” (Mt 21.22), é recebido pela oração porque “tudo quanto pedirdes” é prometido. Não há limite para as provisões incluídas nas promessas ligadas á oração e não há exclusão de suas promessas. “Todo o que pede recebe” (Mt 7.8). A palavra de nosso Senhor tem este efeito recordativo: “Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei”.

Aqui estão algumas declarações abrangentes e exaustivas da Palavra de Deus sobre a oração, as coisas a serem tomadas pela oração, a forte promessa feita em resposta à oração.
“Orai sem cessar” (1Ts 5.17); “Perseverai em oração” (Cl 4.2); “Sede... na oração, perseverantes” (Rm 12.12); “Em tudo, porém, sejam conhecidas, diante de Deus, as vossas petições, pela oração e pela súplica” (Fp 4;6); “orar sempre e nunca esmorecer” (Lc 18.1); “Os varões orem em todo lugar” (1Tm 2.8); “Com toda oração e súplica, orando em todo tempo” (Ef 6.18).
Que declarações claras e fortes são aquelas colocadas no registro divino para nos fornecer uma base segura para a fé e nos estimular, motivar e encorajar a orar! Que ampla variedade de orações nos é dada na revelação divina! Como a Escritura nos estimula a buscar o Deus da oração, com todas as nossas carências, com todos os nossos fardos!
Além dessas declarações deixadas registradas para nosso encorajamento, as páginas sagradas estão cheias de fatos, exemplos, incidentes e observações que salientam a importância e a necessidade absoluta de oração, colocando ênfase em seu poder eficaz.

O máximo alcance e o pleno benefício das ricas promessas da Palavra de Deus devem ser humildemente recebidos por nós e colocados à prova. O mundo nunca receberá os plenos benefícios do evangelho até que isso seja feito. Nem a experiência cristã nem a vida cristã será o que deve ser até que essas promessas divinas tenham sido abundantemente provadas por aqueles que oram. Pela oração, trazemos essas promessas da santa vontade de Deus

para o campo do atual e real. A oração é a pedra filosofal que as transmuta em ouro.
Se alguém perguntar o que deve ser feito para tornar reais as promessas de Deus, a resposta é que devemos orar até que as palavras da promessa sejam revestidas com as ricas vestes do cumprimento.

As promessas de Deus são grandes demais para serem controladas pela oração inconstante. Quando nos examinamos, muito frequentemente descobrimos que nossa oração não corresponde às exigências da situação. Ela é tão limitada que é pouco mais que um oásis em meio à solidão e ao deserto do pecado do mundo. Quem de nós, em nossa oração, está à altura desta promessa do Senhor?

“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai”. (Jo 14.12)
Que promessa abrangente, ampla e inclusiva! Quanto há aqui para a glória de Deus e quanto para a glória humana! Quanto há aqui para a manifestação do poder entronizado de Cristo e quanto para a recompensa da fé abundante! E como são grandes e graciosos os resultados que podem ser alcançados pelo exercício de oração proporcional e crente!
Observe, por um momento, outra das grandes promessas de Deus e descubra como podemos ser fortalecidos pela Palavra quando oramos e sobre que firma fundamento podemos nos colocar para fazer nossas petições a Deus:
“Se permanecerdes em mim e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes e vos será feito”. (Jo 15.7)
Nessas palavras abrangentes, Deus se volta para a vontade de seu povo. Quando Cristo se torna nosso “tudo em todos”, a oração lança os tesouros de Deus aos nossos pés. O Cristianismo primitivo tinha uma solução prática para a situação e alcançava tudo o que Deus tinha para dar. Essa solução simples e concisa está registrada em 1João.
“Aquilo que pedimos dele recebemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos diante dele o que lhe é agradável”. (1Jo 3.22)

A oração, associada à obediência amorosa, é o modo de colocar Deus à prova e fazer a oração corresponder a todos os fins e todas as coisas. A oração, associada à Palavra de Deus, santifica e torna santas todas as dádivas de

Deus. A oração não é simplesmente receber coisas de Deus, mas tornar santo aquilo que já foi recebido dele. Não é meramente receber uma bênção, mas também ser capaz de dar uma bênção. A oração santifica as coisas comuns e sagradas as coisas seculares. Ela recebe coisas de Deus com ação de graças e as consagra com coração agradecido e adoração dedicada.

Em 1Timóteo, Paulo nos dá as seguintes palavras:“Pois tudo que Deus criou é bom, e, recebido com ação de graças, nada é recusável, porque, pela Palavra de Deus e pela oração, é santificado”. (1Tm 4.4)

Esta é uma afirmação que dá uma negativa ao mero ascetismo. As boas dádivas de Deus devem ser santas não apenas por causa do poder criador de Deus, mas também porque se tornam santas para nós pela oração. Nós as recebemos, nos apropriamos delas e as santificamos pela oração.

Fazer a vontade de Deus e ter sua Palavra habitando em nós é um imperativo para a oração eficaz. Mas alguém pode perguntar podemos saber qual é a vontade de Deus. a resposta é: estudando sua Palavra, guardando-a em nosso coração e deixando que ela habite em nós ricamente. “A revelação da tua palavra esclarece e dá entendimento aos simples” (Sl 119.130).
Para conhecer a vontade de Deus em oração, devemos ser cheios do Espírito de Deus, que intercede pelos santos e nos santos, segundo a vontade de Deus. Ser cheio do Espírito de Deus, ser cheio da Palavra de Deus, é conhecer a vontade de Deus, é estar em tal estado mental, ser encontrado em tal estado emocional que nos capacita a ler e interpretar corretamente os propósitos do Infinito. Esse enchimento do coração com a Palavra e o Espírito nos dá um discernimento sobre a vontade do Pai e nos capacita a discernir corretamente sua vontade e coloca dentro de nós uma disposição de mente e de coração para fazer dela o guia e a bússola de nossa vida.

Epafras orou para que os colossenses pudessem ser “perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus” (Cl 4.12). Esta é uma prova positiva de que não apenas podemos conhecer a vontade de Deus, mas que podemos conhecer toda a vontade de Deus. E não apenas podemos conhecer toda a vontade de Deus, mas podemos fazer toda a vontade de Deus. Podemos, além disso, fazer toda a vontade de Deus não ocasionalmente ou por mero impulso, mas com uma conduta habitual firme. Além disso, o texto nos mostra que

podemos não apenas fazer a vontade de Deus externamente, mas de coração, fazendo-a alegremente, sem relutância, indisposição secreta ou algum afastamento da presença íntima do Senhor.

"Há alguns anos, um homem estava viajando pelo deserto do Kentucky. Levava consigo uma grande soma de dinheiro e estava bem armado. Certa noite, ele se alojou em uma cabana feita de troncos, mas ficou muito preocupado com a aparência bruta dos homens que entravam e saíam desta residência. Ele foi se deitar cedo, mas não dormiu. À meia-noite, ele ouviu os cachorros latindo furiosamente e o som de alguém entrando na cabana. Observando atentamente por uma fenda nas tábuas de seu quarto, ele viu um estranho com uma arma na mão. Outro homem estava sentado diante do fogo. O viajante concluiu que estavam planejando roubá-lo e se preparou para defender sua vida e sua propriedade. Logo o recém-chegado pegou uma Bíblia, leu um capítulo em voz alta, ajoelhou-se e orou. O viajante descartou seus temores, pôs de lado seu revólver e se deitou para dormir tranquilamente até o raiar do dia. E tudo porque havia uma Bíblia na cabana e seu proprietário era um homem de oração!" – REV. F. F. SHOUP

A ORAÇÃO tem a ver com o sucesso da pregação da Palavra. Paulo ensina isso claramente no pedido familiar e urgente que fez aos tessalonicenses: "Finalmente, irmãos, orai por nós, para que a palavra do Senhor se propague e seja glorificada". (2Ts 3.1)

A oração abre o caminho para a Palavra de Deus correr sem obstáculos e cria uma atmosfera que é favorável para a Palavra realizar seu propósito. A oração coloca rodas debaixo da Palavra de Deus e dá asas ao anjo do Senhor "tendo um evangelho eterno para pregar aos que se assentam sobre a terra, a cada nação, e tribo, e língua, e povo" (Ap 14.6). A oração ajuda muito a Palavra do Senhor.

A parábola do semeador é um estudo notável sobre a pregação que mostra seus diferentes efeitos e descreve a diversidade de ouvintes. Os ouvintes à beira do caminho são uma legião. O solo não está preparado por uma meditação prévia ou pela oração. Como consequência, o diabo facilmente arranca a semente (que é a Palavra de Deus) e, dissipando todas as boas impressões, torna infrutífero o trabalho do semeador. Ninguém nem por um

momento crê que tantas sementes, hoje, ficariam sem fruto se apenas os ouvintes preparassem o terreno de seu coração previamente pela oração e pela meditação.

O mesmo acontece com os ouvintes do solo pedregoso e com os ouvintes do solo espinhoso. Embora a Palavra abunde em seu coração e comece a brotar, tudo é perdido, principalmente porque não há oração ou vigilância nem cultivo. Os ouvintes do solo bom são beneficiados pela semeadura simplesmente porque sua mente foi preparada para receber a semente e porque, depois de ouvir, cultivaram a semente lançada em seu coração, pela prática da oração. Tudo isso dá uma ênfase peculiar à conclusão desta notável parábola: “Vede, pois, como ouvis” (Lc 8.18). E para que possamos prestar atenção no que ouvimos, é preciso nos dedicarmos continuamente à oração.

Temos que crer que, como base da Palavra de Deus, está a oração e dela depende seu sucesso final. Em Isaías, lemos:“Assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei”. (Is 55.11)

No Salmo 19, Davi exalta a Palavra de Deus em seis afirmações. Ela restaura a alma, dá sabedoria aos símplices, alegra o coração, ilumina os olhos, permanece para sempre e é verdadeira e justa. A Palavra de Deus é perfeita, infalível, correta e pura. Ela perscruta o coração e, ao mesmo tempo, é purificadora em seu efeito. Não é surpresa, portanto, que, depois de considerar a profunda espiritualidade da Palavra de Deus, seu poder para perscrutar a natureza interior do ser humano e sua profunda pureza, o salmista encerre sua exposição com esta passagem: “Quem há que possa discernir as próprias faltas? Absolve-me das que me são ocultas. Também da soberba guarda o teu servo. Que ela não me domine; então, serei irrepreensível e ficarei livre de grande transgressão. As palavras dos meus lábios e o meditar do meu coração sejam agradáveis na tua presença, Senhor, rocha minha e libertador meu!” (Sl 19.12-14).

Tiago reconhece a profunda espiritualidade da Palavra e seu inerente poder Salvador, na seguinte exortação:“Portanto, despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma”. (Tg 1.21)

E Pedro fala no mesmo sentido ao descrever o poder salvador da Palavra de Deus: “Fostes regenerados não de semente corruptível, mas de incorruptível, mediante a palavra de Deus, a qual vive e é permanente” (1Pe 1.23).

Não apenas Pedro associa o novo nascimento à incorruptível Palavra de Deus, mas também nos informa que, para crescer em graça, devemos ser como crianças recém-nascidas, desejando o “genuíno leite espiritual” (1Pe 2.2).

Isso não significa dizer, todavia, que a mera forma das palavras como ocorrem na Bíblia tem alguma eficácia salvadora. No entanto, a Palavra de Deus, deve ser lembrado, está impregnada com o Espírito Santo. E assim como há um elemento divino nas palavras da Escritura, assim também o mesmo elemento divino deve ser encontrado em toda verdadeira pregação da Palavra, que é capaz de salvar e converter a alma.

A oração invariavelmente gera um amor pela Palavra de Deus e leva as pessoas a lê-la. A oração leva as pessoas a obedecerem a Palavra de Deus e coloca no coração obediente uma alegria inexprimível. As pessoas que oram e as pessoas que leem a Bíblia são o mesmo tipo de gente. O Deus da Bíblia e o Deus da oração são um só. Deus fala ao ser humano na Bíblia; o ser humano fala com Deus na oração.

A pessoa lê a Bíblia para descobrir a vontade de Deus e ora para receber poder para cumprir essa vontade. A leitura da Bíblia e a oração são os elementos característicos daqueles que se esforçam para conhecer e agradar a Deus. E assim como a oração gera um amor pela Escritura e leva as pessoas a lerem a Bíblia, assim também a oração faz homens e mulheres visitarem a casa de Deus para ouvir a exposição da Escritura. Ir à igreja é algo estreitamente ligado à Bíblia não tanto porque a Bíblia nos adverte a não deixarmos “de congregar-nos, como é costume de alguns”, mas porque, na casa de Deus, o ministro escolhido de Deus declara sua Palavra a pessoas que estão morrendo, explica a Escritura e enfatiza seus ensinos aos ouvintes. E a oração faz germinar uma decisão, naqueles que a praticam, de não abandonar a casa de Deus.

A oração gera uma consciência de que precisamos frequentar a igreja, um

coração que ama a igreja, um espírito que sustenta a igreja. São as pessoas que oram que transformam em uma questão de consciência a presença constante à pregação da Palavra. São elas que têm prazer em sua leitura e exposição, são elas que a sustentam com sua influência e seus recursos. A oração exalta a Palavra de Deus e lhe dá preeminência na apreciação daqueles que, fiel e sinceramente, invocam o Nome do Senhor.

A oração extrai sua própria vida da Bíblia e não tem fundamento permanente fora da garantia da Escritura. sua própria existência e caráter dependem da revelação feita por Deus ao ser humano em sua Sagrada Escritura. a oração, por sua vez, exalta essa mesma revelação e dirige as pessoas à Palavra. A natureza, a necessidade e o caráter totalmente abrangente da oração estão baseados na Palavra de Deus.

O Salmo 119 é um diretório da Palavra de Deus. Com três ou quatro exceções, cada versículo contém uma palavra que identifica ou localiza a Palavra de Deus. Muito frequentemente, o escritor rompe em súplicas, muitas vezes orando: “Ensina-me os teus decretos” (vv. 26, 33, 64, 68, 124, 135, 171). Ele fica tão impressionado com as maravilhas da Palavra de Deus e com a necessidade da iluminação divina para que possa ver e entender as coisas maravilhosas registradas nela, que ora ferventemente:“Desvenda os meus olhos, para que eu contemple as maravilhas da tua lei”. (Sl 119.18)

Do início ao fim deste maravilhoso salmo, a oração e a Palavra de Deus estão entrelaçadas. Quase todas as fases da Palavra de
Deus são mencionadas por estes escritos inspirado. O salmista estava tão completamente convencido do profundo poder espiritual da Palavra de Deus que fez a seguinte declaração:“Guardo no coração as tuas palavras, para não pecar contra ti”. Sl 119.11)

Aqui o salmista encontrou sua proteção contra o pecado. Tendo escondido a Palavra de Deus em seu coração; tendo todo o seu ser impregnado com essa Palavra; estando completamente debaixo de sua influência benigna e graciosa, ele era capaz de andar pela terra seguro contra os ataques do Maligno e fortalecido contra uma propensão de se desviar do caminho. Descobrimos, além disso, o poder que a oração tem de criar um verdadeiro amor pela Escritura e de colocar dentro das pessoas uma natureza que tem

prazer na Palavra. Em santo êxtase, ele clama: “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia!” (Sl 119.97). E novamente: “Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais que o mel à minha boca!” (Sl 119.103).

Temos apreço pela Palavra de Deus? Então devemos nos entregar continuamente à oração. Aquele que tem prazer pela leitura da Bíblia não deve – não deve se atrever – esquecer a oração. Aquele de quem pode ser dito que “o seu prazer está na lei do Senhor” (Sl 1.2) é aquele que pode verdadeiramente dizer que tem prazer em visitar o lugar de oração. Ninguém ama a Bíblia se não amar a oração. Ninguém ama a oração se não tiver prazer na lei do Senhor.

Nosso Senhor foi um homem de oração e exaltou a Palavra de Deus, citando frequentemente a Escritura. Ao longo de toda a sua vida terrena, Jesus observou a guarda do sábado, a frequência aos cultos e a leitura da Palavra de Deus e entrelaçou a oração com tudo isso. “Indo para Nazaré, onde for a criado, entrou, num sábado, na sinagoga, Segundo o seu costume, e levantou-se para ler”. (Lc 4.16)

Aqui deve ser dito que não há duas coisas que são mais essenciais à vida cheio do Espírito que a leitura da Bíblia e a oração. Não há duas coisas mais úteis ao crescimento em graça; ao alcance da maior alegria da vida cristã; à estabilidade nos caminhos da paz eterna.

A negligência desses deveres importantes é um presságio ao enfraquecimento da alma, à perda de alegria, à ausência de paz, às sequidão de espírito, à decadência em tudo o que pertence à vida espiritual. A negligência a esses deveres pavimenta o caminho para a apostasia e dá ao Maligno uma vantagem que ele provavelmente não vai ignorar. Ler a Palavra de Deus regularmente e orar habitualmente no esconderijo do Altíssimo coloca a pessoa onde ela está absolutamente segura dos ataques do inimigo de sua alma e lhe garante a salvação e a vitória final, por meio do poder irresistível do Cordeiro.

Oração e a casa e Deus

"E caro a mim o forte 'Amém',
Que ecoa pela residência bendita
Que incha, diminui e incha de novo,
Morre nas paredes – mas vive com Deus!"

A ORAÇÃO está relacionada a lugares, épocas, ocasiões e circunstâncias. Ela tem a ver com Deus e com tudo que está relacionado a Deus e tem uma íntima e especial relação com a casa de Deus. Uma igreja é um lugar sagrado, separado de todos os usos ímpios e seculares para a adoração a Deus. Como a adoração é uma oração, a casa de Deus é um lugar separado para adoração. Não é um lugar comum, é o lugar onde Deus habita, onde ele se encontra com seu povo, e ele tem prazer na adoração de seus santos.

A oração está sempre no lugar certo na casa de Deus. quando ela passa a ser estranha ali, então o lugar deixa de ser a casa de Deus. Nosso Senhor deu ênfase especial à igreja quando expulsou os comerciantes do templo, repetindo as palavras de Isaías: "Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração" (Mt 21.13). Ele dá preeminência à oração, colocando-a acima de tudo o mais na casa de Deus. Aqueles que evitam a oração ou tentam minimizá-la e lhe dão um lugar secundário pervertem a igreja de Deus e fazem com que ela seja menos e diferente daquilo que deve ser.

A oração está perfeitamente em casa na casa de Deus. Ela não é uma estranha nem um mero visitante. Ela pertence àquele lugar. Ela tem uma afinidade peculiar com aquele lugar e, além disso, tem direito divino de estar ali, sendo estabelecida por designação e aprovação de Deus.

O quarto trancado é um lugar sagrado para a adoração pessoal. A casa de Deus é um lugar santo para a adoração comunitária. O quarto trancado é para a oração pessoal. A casa de Deus é para oração mútua, oração unida, oração comunitária. No entanto, até mesmo na casa de Deus há um elemento de adoração privada, já que o povo de Deus deve adorá-lo e orar a ele

pessoalmente, mesmo no culto público. A igreja é para a oração comunitária de crentes unidos, mas individuais.

A vida, o poder e a glória da igreja é a oração. A vida de seus membros depende da oração e a presença de Deus é assegurada e mantida pela oração. O próprio lugar se torna sagrado por causa de seu ministério. Sem ela, a igreja não tem vida nem poder. Sem ela, o próprio edifício não é nada mais que uma estrutura como outra qualquer. A oração converte até mesmo tijolos, argamassa e madeira em um santuário, um Santo dos Santos, onde mora a Shekinah. Ela separa o templo, em espírito e propósito, de todos os outros edifícios. A oração dá uma sacralidade peculiar ao edifício, santifica-o, separa-o para Deus e o poupa de todos os assuntos comuns e mundanos.

Com a oração, embora se possa supor que a casa de Deus precise de tudo o mais, ela se torna um santuário divino. Assim, o tabernáculo, movendo-se de um lugar para outro, tornou-se o Santo dos Santos, porque a oração estava ali. Sem oração, o edifício pode ser suntuoso, perfeito em todos os seus aspectos, bonito e atrativo à vista, mas é humano, não há nada de divino nele e ele está no mesmo nível de todos os outros edifícios.

Uma igreja sem oração é como um corpo sem espírito, uma coisa morta, inanimada. Uma igreja que tem a oração dentro de si tem Deus dentro de si. Quando a oração é colocada de lado, Deus é banido. Quando a oração se torna um exercício pouco familiar, o próprio Deus se torna estranho ali.

Quando a casa de Deus é uma casa de oração, a intenção divina é que as pessoas saiam de casa e o encontrem em sua própria casa. O edifício é separado especialmente para a oração e, como Deus fez uma promessa especial de encontrar seu povo ali, é seu dever ir para lá e com esta finalidade específica. A oração deve ser a atração principal de todos os membros espirituais da igreja. Embora se admita que a pregação da Palavra tem um lugar importante na casa de Deus, a oração é seu elemento predominante e característico. Não que todos os outros lugares sejam pecaminosos, ou maus em si mesmos ou pelo seu uso. Entretanto, são seculares e humanos, por não terem nenhuma concepção especial de Deus. A igreja é, essencialmente, religiosa e divina. A obra que pertence aos outros lugares é feita sem referência especial a Deus.

Ele não é especificamente reconhecido nem invocado. Na igreja, porém, Deus é reconhecido e nada é feito sem ele. A oração é uma marca distintiva da casa de Deus. Assim como a oração distingue entre o cristão e o não cristão, ela também distingue a casa de Deus das outras casas. É um lugar em que crentes fieis se encontram com o Senhor. Como a casa de Deus é, preeminentemente, uma casa de oração, a oração deve fazer parte e ser a base de tudo o que é feito ali. A oração pertence a todo tipo de obra da igreja de Deus. Como a casa de Deus é a casa onde os assuntos ligados á oração são tratados,então este é o lugar onde se trata de transformar pessoas que não oram em pessoas que oram. A casa de Deus é oficina divina é ali é realizada a obra de oração. Também se pode dizer que a casa de Deus é uma escola divina na qual a lição da oração é ensinada, onde homens e mulheres aprendem a orar e onde eles se formam em oração.

Toda igreja que se chama de casa de Deus e não exalta a oração; que não coloca a oração na primeira linha de suas atividades; e que não ensina a grande lição da oração deve mudar seu ensino para se adaptar ao padrão divino ou chamar seu edifício por qualquer outro nome, menos casa de oração.
Em uma obra anterior, fizemos referência à descoberta do Livro da Lei do Senhor dada a Moisés. Quanto tempo ele ficou perdido, não sabemos. Mas, quando as notícias de sua descoberta chegaram a Josias, ele rasgou suas vestes e ficou muito preocupado. Ele lamentou que a Palavra de Deus tivesse sido negligenciada e viu, como resultado natural, a iniquidade se multiplicava por toda a terra.

Então Josias se lembrou do Senhor e ordenou que Hilquias, o sumo sacerdote, consultasse o Senhor. Essa negligência da Palavra de Deus era um assunto sério demais para ser tratado de modo leviano e Deus devia ser consultado e arrependimento devia ser mostrado pelo rei e pela nação: “Ide e consultai o Senhor por mim, pelo povo e por todo o Judá, acerca das palavras deste livro que se achou; porque grande é o furor do Senhor que se acendeu contra nós, porquanto nossos pais não deram ouvidos às palavras deste livro, para fazerem segundo tudo quanto de nós está escrito”. (2Rs 22.13)

Mas isso não foi tudo. Josias promoveu um reavivamento religioso em seu

reino, por isso o vemos reunindo todos os anciãos de Jerusalém e Judá com este propósito. Quando se reuniram, o rei foi á casa do Senhor e ele mesmo leu todas as palavras do Livro da aliança que foi encontrado na casa do Senhor.
Com este rei justo, a Palavra de Deus foi de grande importância. Ele a estimou adequadamente e considerou o conhecimento dela como de tão grande importância a ponto de requerer que se consultasse a Deus em oração sobre ela e de garantir a reunião dos notáveis de seu reino para que eles, juntamente com ele, fossem instruídos pela Livro de Deus sobre a Lei de Deus.

Quando Esdras, ao voltar da Babilônia, estava buscando a reconstrução de sua nação, o próprio povo estava consciente da situação e, em certa ocasião, os sacerdotes, levitas e o povo se reuniram como um só homem diante do Portão das Águas.

“E disseram a Esdras, o escriba, que trouxesse o livro da Lei de Moisés, que o Senhor tinha prescrito a Israel. Esdras, o sacerdote, trouxe a lei perante a congregação, tanto de homens como de mulheres e de todos os que eram capazes de entender o que ouviam. Era o primeiro dia do sétimo mês. E leu no livro, diante da praça, que está fronteira à Porta das Águas, desde a alva até ao meio-dia, perante homens e mulheres e os que podiam entender; e todo o povo tinha os ouvidos atentos ao livro da lei”. (Ne 8.1-3)

Este foi o dia da leitura da Bíblia em Judá – um verdadeiro reavivamento do estudo da Escritura. Os líderes leram a lei diante do povo, cujos ouvidos estavam empolgados para ouvir o que Deus tinha a lhes dizer no Livro da Lei. Mas este não foi apenas um dia de leitura da Bíblia. Foi um momento em que a verdadeira pregação foi feita, como indica a passagem a seguir:“Leram no livro, na Lei de Deus, claramente, dando explicações, de maneira que entendessem o que se lia”. (Ne 8.8)

Aqui, então, está a definição escriturística de pregação. Nenhuma definição melhor pode ser dada. Ler a Palavra de Deus claramente – lê-la para que o povo pudesse ouvir e entender as palavras lidas; não murmurar as palavras, nem lê-las em meio-tom ou sem clareza, mas forte e claramente – este foi o método seguido em Jerusalém, neste dia feliz. E mais: o sentido das palavras

foi esclarecido na reunião realizada diante do Portão das Águas; as pessoas foram ensinadas com um elevado tipo de pregação expositiva. Esta era a verdadeira pregação – pregação de um tipo que é extremamente necessária em nossos dias, para que a Palavra de Deus tenha o devido efeito sobre o coração das pessoas. Esta reunião em Jerusalém certamente contém uma lição que todos os pregadores contemporâneos deviam aprender e tratar com atenção.

Ninguém que tenha algum conhecimento dos fatos negará a comparativa falta de pregação expositiva nos púlpitos de hoje. E ninguém, devemos, pelo menos, imaginar, fará outra coisa senão lamentar esta falta. A pregação tópica, a pregação polêmica, a pregação histórica e outras formas de pregação têm, como se supõe, seus usos corretos e oportunos. No entanto, a pregação expositiva – a poderosa exposição da Palavra de Deus é uma pregação que é pregação – par excellence.

Para sua realização bem-sucedida, porém, o pregador precisa ser um homem de oração. Para cada hora gasta em seus estudos,ele tem que passar duas horas de joelhos. Para Cada hora que dedica a elucidar uma passagem obscura, ele deve gastar duas horas lutando com Deus. Oração e pregação. Pregação e oração. Elas não podem ser separadas. O antigo clamor dizia: “Às vossas tendas, ó Israel!” (1Rs 12.16). O clamor moderno deve ser: “Aos vossos joelhos, ó pregadores, aos vossos joelhos!”

C. H. SPURGEON

ESCOLA DA ORAÇÃO

A ORAÇÃO DE JACÓ



oxigênio

A Oração de Jacó

Spurgeon, Charles
9788582181171
48 páginas

Compre agora e leia

Um verdadeiro mergulho na história de Jacó, um homem de muitas falhas e que teve uma mudança de caráter após um impactante encontro com Deus. Esse sermão pregado por Charles Spurgeon nos convida a refletirmos sobre o nosso caráter como cristãos e nos mostra o quanto o Senhor está disposto a nos moldar para enfim termos uma comunhão intima e plena com Ele.

Compre agora e leia


R. A. TORREY
APRENDENDO A
ORAR
oxigênio
editora

Aprendendo a orar

Torrey, R.A.
9788582180792
100 páginas

Compre agora e leia

Um verdadeiro manual sobre a oração, sua importância e necessidade na Vida Cristã. Escrito por um dos principais lideres cristãos do século XX. Um livro que trará conhecimento e crescimento sobre a oração e lhe convidará a viver com maior intimidade com Deus. Alguns temas importantes abordados em Aprendendo a Orar: A Importância da Oração, Orando em nome de Cristo, Orando no Espírito, Sempre ore sem desanimar, Obstáculos à oração.

Compre agora e leia


Andrew Murray
SENHOR, ENSINA-ME A ORAR
Orai sem cessar
oxigênio

Senhor, ensina-me a orar

Murray, Andrew
9788582181706
76 páginas

Compre agora e leia

Andrew Murray foi um homem de oração, ou seja, viveu plenamente sua fé no Senhor Jesus e viveu plenamente tal prática a ponto de provar intensamente o poder da oração durante sua vida. Sua vida foi um testemunho daquilo que Deus quer fazer em cada um de nós a partir do momento que decidimos viver intensamente uma vida de oração e intimidade com Deus. Em nossa vida, assim como na vida de Andrew Murray, a necessidade de oração surge da busca por uma benção a ser alcançada, da confissão a Deus, gratidão, petição ou adoração. Este livro te convida a reservar um tempo diário para buscar a Deus, entregando suas súplicas, pedidos e agradecimentos ao Senhor, afim de viver uma experiência pessoal e genuína de fé. O texto apresenta uma mensagem diária de meditação na Palavra de Deus a respeito da oração, sua importância e necessidade no nosso dia a dia. Que seja feita a vontade do Senhor! Léo Kades - Editor e escritor

Compre agora e leia

C. H. SPURGEON

ESCOLA DA ORAÇÃO

A ORAÇÃO DE DAVI



oxigênio

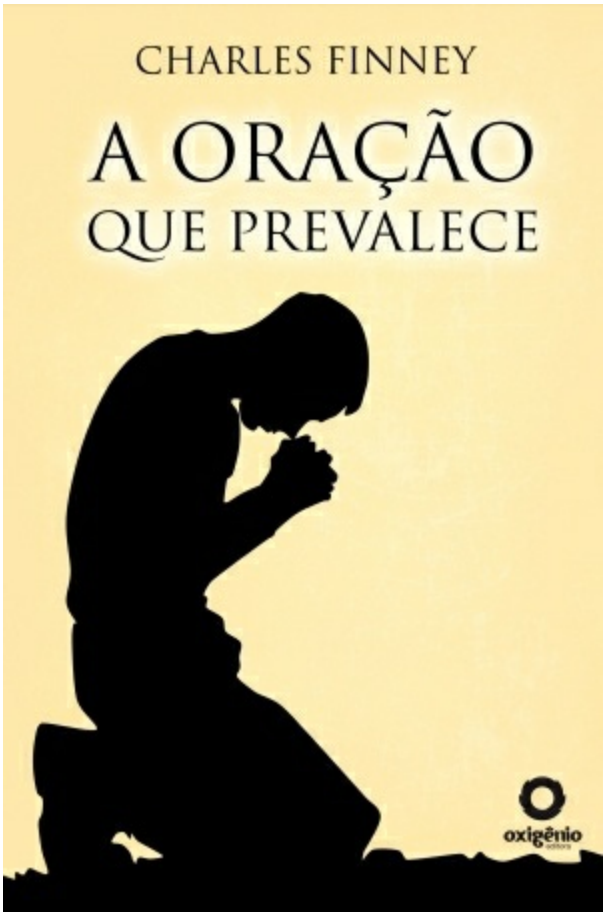
A Oração de Davi

Spurgeon, Charles
9788582181188
44 páginas

Compre agora e leia

O Salmo 142 é chamado de A Oração de Davi quando estava na caverna e foi escrito por Davi. Esse sermão pregado por Charles Spurgeon nos convida a meditar sobre a presença de Deus. É um clamor sincero pelo socorro divino em momentos de aflição. Spurgeon usa com mestria o modelo da oração de Davi e nos desafia a conhecer o poder da oração em nossas vidas.

Compre agora e leia


CHARLES FINNEY
A ORAÇÃO
QUE PREVALECE
oxigênio

A oração que prevalece

Finney, Charles
9788582182611
40 páginas

Compre agora e leia

Em A Oração que Prevalece, Charles Finney nos apresenta meditações bíblicas acerca da oração. Nesse sermão conheceremos experiencias de oração de verdadeiros heróis da fé como Daniel, e aprenderemos com Jesus sobre o verdadeiro propósito da oração. Um texto que abençoará a sua vida e trará crescimento espiritual através da oração constante.

Compre agora e leia